

o Preto

ESPECIAL Uma enciclopédia online desvenda a cultura do Estado

Página 4



Marques Rebelo:
O acadêmico
Arnaldo Niskier
escreve
artigo.
Página 15

Nos trilhos do passado
Museu
guarda
memória das
ferrovias.
Página 18



Educação
Escolas gratuitas
vão além
do ensino
tradicional.
Página 26





Dentro de um livro, a gente encontra mais que histórias. Encontra cidadania.

O Projeto Mais Leitura, criado para democratizar o acesso à cultura, disponibiliza grandes obras literárias a preços populares. Para adquirir a sua, vá às unidades do Rio Poupa Tempo e procure a Agência da Imprensa Oficial.

Agência São Gonçalo - São Gonçalo Shopping - Avenida São Gonçalo, nº 100, 3º Piso - Rio Poupa Tempo, Boa vista, São Gonçalo - RJ, 24466-315

Agência São João de Meriti - Shopping Grande Rio - Rodovia Presidente Dutra, 4.200 - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti - RJ (Rio Poupa Tempo) 25586-970

Agência Bangu - Endereço: Bangu Shopping - Rua Fonseca, 240 2º andar - Bangu - Rio de Janeiro - RJ - 21820-971

Horário de funcionamento: Atendimento de segunda a sexta-feira, das 08hs às 18hs e sábados das 09hs às 13hs.



Sérgio Cabral
GOVERNADOR

Regis Velasco Fichtner Pereira
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Valéria Maria Souto Meira Salgado
Diretora Administrativo-Financeira

Jorge Narciso Peres
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo ANO X nº 34

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
oprelo@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Estagiários:
Natan Pereira
Pedro Chilingue
Rafael Ribeiro
Rebeca Letieri
Samantha Paixão
Thaís Brito

Programação Visual:
Angela Duque
Luis Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

Capa:
Foto Cris Isidoro/Diadorim Ideias e
Comunicação

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO



MAPA
4 As atividades culturais do Estado
numa ferramenta multimídia

MUSEUS

9 No Rio, em agosto, acontece a
23ª Conferência Geral do Conselho
Internacional de Museus

MÚSICA E EDUCAÇÃO

10 Projetos de educação musical
envolvem crianças e adultos



SALA LEILA DINIZ

14 Dois anos de funcionamento do
espaço cultural da Imprensa Oficial

A ESTRELA SOBE / MARQUES REBELO

15 Arnaldo Niskier escreve artigo sobre o autor fluminense

PAQUETÁ

16 Cultura, história e romantismo na Baía de Guanabara



TRILHOS DO PASSADO

18 História das Ferrovias
no Museu do Trem

BIBLIOTECA-PARQUE DA ROCINHA

20 Um ano de sucesso

TEM ÍNDIO NO RIO

23 Livro desvenda o passado indígena do Estado

JOÃO CAETANO

24 Há 150 anos morria o ator e empresário



ESCOLAS DE PONTA

26 Instituições gratuitas oferecem
mais do que o currículo básico

RAUL POMPÉIA

30 O autor de *O Ateneu* nasceu há 150 anos



TV NOVO DEGASE

33 Um recomeço para jovens
em conflito com a lei

CASA DE CULTURA HELOÍSA TORRES

34 Casarão em Itaboraí guarda
acervo da cidade

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES

A riqueza cultural do Estado em um mapa multimídia

O Mapa de Cultura RJ, um grande levantamento do patrimônio material, imaterial, personagens e eventos do Rio de Janeiro, é uma iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado

Integrante da companhia folclórica Boi de Miracema, que apresenta a tradicional dança no município (Foto: Cris Isidoro / Diadorim Ideias)

Dez mil quilômetros. Cem dias na estrada. Sete mil fotos, 93 vídeos, duas mil laudas de texto. E tudo sobre a cultura do Estado do Rio de Janeiro. Entre outubro de 2011 e outubro de 2012, uma equipe de mais de duas dezenas de jornalistas, editores, fotógrafos, cinegrafistas e designers mergulhou no projeto de mapear e registrar manifestações culturais dos 92 municípios fluminenses, uma ideia da Secretária de Estado de Cultura Adriana Rattes levada a campo por Ana Madureira de Pinho e Teresa Karabtchevsky, da Diadorim Ideias e Comunicação. “Traçar o Mapa de Cultura do Rio de

Janeiro sempre foi uma prioridade da Secretaria de Estado de Cultura, um dos nossos projetos mais importantes e necessários”, escreve a Secretária Adriana Rattes especialmente para **O Prelo**. “Ele está nos ajudando a conhecer mais a fundo o tecido que forma a cultura do nosso estado e a fazer uma radiografia do que realmente são nossos 92 municípios”.

O resultado está no ar: o site Mapa de Cultura do Estado do Rio de Janeiro oferece uma visão ao mesmo tempo acessível e sofisticada do que se pode encontrar em termos de patrimônio, personagens e projetos de cultura no estado.

– A gente partiu do zero – diz Teresa. – Procuramos algum modelo, mas não encontramos nada nos moldes do que a Secretária imaginou. Decidimos, primeiro, que seria um trabalho vivo, indo aos lugares procurar personagens, artistas, como na velha escola de jornalismo: pé na estrada com bons fotógrafos, bons repórteres, cinegrafistas. Naturalmente, fazíamos uma pré-produção, que levantava as informações já existentes, mas o trabalho tinha que ser feito em campo.

VERBETES EM REVISTA

O jeito final do site é o de uma revista, colorida, ágil, com linguagem jornalística. Só que a extensão e a profundidade do conteúdo podem ser descritas como enciclopédicas: os verbetes ilustrados com fotos e vídeos destacam as referências históricas e as informações práticas de cada atração, evento ou personagem. São teatros, festivais, centros culturais, artistas de todos os gêneros; moradores que guardam e difundem tradições centenárias ou gente que tomou a iniciativa de promover novas formas de criação como o grafite e o cinema; são a sabedoria e a alegria do povo do Rio, com suas influências plurais, de imigrantes, indígenas e escravos, numa potência cultural multiplicada pela modernidade das novas conexões

Foto: Isabela Kassow



Kajaman, idealizador do evento de grafite voluntário Meeting Of Favela

<http://mapadecultura.rj.gov.br/>





As Marias da Graça, associação de mulheres palhaças do Rio de Janeiro

e mídias eletrônicas.

- Procuramos principalmente lugares e personagens pouco conhecidos e pouco divulgados na grande imprensa, em todo o interior – relata Ana Madureira de Pinho. - Aliás, essa foi sempre a proposta da Secretária. Só que, no formato final, a gente procurou ter uma pegada de revista cultural.

A outra questão levantada na confecção do Mapa era relacionada à abrangência – e não apenas no que diz respeito ao conceito de cultura, já a princípio amplo, complexo e desdobrável em muitos patamares.

- É natural que a gente tenha a preocupação de completar, de esgotar as informações – diz Teresa. – Só que você não esgota nunca e não consegue fechar, e o conceito fica aberto. Portanto, nós olhamos o Mapa, nesse momento, como a primeira etapa de um trabalho que tem de continuar. É só um primeiro passo.

Assim, o levantamento, dinâmico por definição e desde a origem, continua – agora, com a participação de todos os interessados em contribuir. O Mapa de Cultura é colaborativo, estimula a participação da sociedade e está aberto a informações vindas do público. “O nosso objetivo é que seja constantemente atualizado e enriquecido com novas informa-

ções. Os artistas, agentes de cultura e cidadãos em geral podem enviar suas sugestões para mapadecultura.rj.gov.br/página/colabore, reforça Adriana Rattes.

NA ESTRADA

Foram quatro viagens de 30 dias cada, entre novembro de 2011 e março de 2012, por cidades grandes e pequenas, praças tradicionais e recantos ocultos. Em cada uma dessas caravanas (“desbravadoras, quase um *Bye Bye, Brasil*”, divertem-se as coordenadoras, referindo-se ao filme de Cacá Diegues), muitas histórias para contar (veja algumas delas, nesta reportagem). Teresa Karabtchevsky localiza

de pronto algumas das ocasiões em que os repórteres e fotógrafos foram beneficiados pelo “elemento surpresa”, como relata:

- A equipe chegou à Região de Araruama e descobriu, por uma placa na estrada, que havia, na zona rural, o Cine Tupinambá: um cineclube ecológico, da comunidade, que exhibe e produz filmes. Uma coisa maravilhosa, com muito humor. Esse, a gente não tinha como alcançar na pré-produção, foi uma descoberta de campo. Outra surpresa foi dar de cara com o encontro de grafiteiros em Duque de Caxias, o maior festival do gênero na América Latina. A equipe que estava lá passou e viu o movimento; decidiram ficar



Felipe de Oliveira e Henrique Formigão, do Cineclube Tupinambá, de Araruama

<http://mapadecultura.rj.gov.br/>

e cobrir. Isso, sem falar nos muitos personagens espetaculares.

O material coletado para o Mapa acabou sendo dividido em sete entradas – Municípios (onde o visitante busca as atrações de determinado lugar em especial); Espaços Culturais; Agenda Fixa; Gente; Patrimônio Material; Patrimônio Imaterial e Destaques.

– A agenda de eventos fixos, das festas, é mais fácil de encontrar ou recuperar – explica Ana Madureira. – Foi pelo lado dos personagens e do patrimônio imaterial que a gente percebeu a maior lacuna de informação, um vazio mesmo. Como tínhamos o desafio de ir a cada uma dessas regiões e mapear, acho que isso nos direcionou para a busca do lado mais humano da cultura.

Se algumas das manifestações estão “em risco de pré-extinção”,

nas palavras de Teresa e Ana, outras mantêm um notável vigor, como as tradições afro e as bandas de música.

– Alguns locais sofreram um esvaziamento, a maioria por fatores econômicos – conta Ana Madureira. – Nesses casos, as tradições ficam com os muito jovens ou com os mais velhos. Mas, por exemplo, vimos muita Folia de Reis no Estado inteiro. Já a tradição do Boi Pintadinho nos chamou a atenção pelo oposto: é uma adaptação do bumba-meu-boi trazida para o Norte e o Noroeste do Estado, regiões onde se assentaram muitos imigrantes do Nordeste do país. Hoje, a brincadeira existe



D. Conceição comanda uma adega de vinho de jabuticaba em Varre-Sai

em pouquíssimas cidades. Aliás, vale lembrar que toda a tradição de cultura negra é fortíssima no Rio. O quilombo São José é um lugar autêntico, de uma riqueza emocionante.

"Uma diversidade incrível"

PEDRO CHILINGUE

Percorrer todo o Estado do Rio de Janeiro registrando em vídeo o que há de mais rico em nossa ampla cultura foi uma experiência que marcou, profissional e pessoalmente, a fotógrafa e videomaker carioca Juliana Radler. A surpresa diante das descobertas era frequente: “Percorrendo o meu próprio Estado, descobri coisas novas e pessoas incríveis fazendo cultura em lugares desconhecidos e ao mesmo tempo tão próximos da gente”, afirma. O leque vai de jovens que dançam *hip-hop*, cantam *rap* e música gospel ao Auto das Pastorinhas e à Folia de Reis, dois dos mais antigos e tradicionais folguedos populares do Brasil. “O Rio de Janeiro tem uma cultura tradicional viva, com várias manifestações populares legítimas, coexistindo no interior com a cultura contemporânea e globalizada, com jovens fazendo grafite. Mas tudo isso convive e dialoga com o Jongo, o Boi Pintadinho, com o samba de raiz, com as bandas centenárias das cidades”.

Contrastes do panorama cultural do estado: “em Pádua, por exemplo, filmei um grupo de dança de rua supermoderno e, em seguida, um grupo de crianças da zona rural que fazem todos os anos o Auto das Pastorinhas, brincadeira tradicional natalina. Essa diversidade

Fotos: Cris Isidoro / Diadorim Ideias



A Casa da Flor, em São Pedro da Aldeia, começou a ser construída em 1912

de é incrível e o grande desafio é dar visibilidade e valor a ela”.

A Casa da Flor: “fica em São Pedro da Aldeia e foi construída com cacos de tijolos a partir de 1912 por Gabriel Joaquim dos Santos, um homem solitário, negro, que aprendeu a ler e a escrever depois dos 20 anos de idade, e que tinha um senso estético apuradíssimo. Segundo Ariano Suassuna, a arquitetura de Seu Gabriel é como a de Gaudí. Hoje, o lugar, que fica na periferia de São Pedro, é visitado por estudantes de arquitetura, de Belas Artes e por gente do mundo todo. A pessoa que zela pelo local, Valdevi Soares dos Santos, é sobrinho-neto de Gabriel e narra como

ninguém a história da casa e de seu construtor”.

A natureza enquanto cultura: há lugares onde a preservação ambiental age como forma de cultura, enriquecendo o trabalho de filmagens de Juliana: “Gosto sempre do elemento surpresa. E alguns dos municípios mais remotos, como São Francisco do Itabapoana, Trajano de Moraes, Santa Maria Madalena e Varre-Sai me encantaram, principalmente, pela natureza preservada, pela simplicidade e pelo amor à cultura. O que se produz de cultura e arte faz toda a diferença e contribui com a alegria, a cor e a alma de um lugar”.



Dança popular na Feira da Roça, em Quatis

FERRAMENTA MÚLTIPLA

Esse primeiro mapeamento da cultura do Estado vai prestar serviços em muitas áreas – “desde a implementação de políticas públicas, como ferramenta para o Plano Estadual de Cultura, e em interseções com o turismo, a educação e outras secretarias”, desenvolve Teresa. Adriana Rattes reforça: “O Mapa de Cultura é uma peça de referência para a elaboração do Plano Estadual de Cultura. Além disso,

é um importante instrumento de valorização do patrimônio fluminense e de disseminação da cultura, sobretudo do interior do Estado”.

Fonte de informação para estudantes, pesquisadores, turistas, artistas, produtores, a segunda etapa do projeto traz novidades: a versão em inglês, entre outros aperfeiçoamentos.

Uma vez no ar, o Mapa está sob a gestão do Inepac – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, um

dos braços da Secretaria de Cultura, dirigido por Paulo Vidal (*veja entrevista completa a seguir*). O trabalho de garimpo, portanto, vai continuar.

– Foi uma loucura, as equipes na estrada, viajando todos os dias, lembra Teresa. – Em produção pode acontecer de tudo. Cai pauta, tem que remarcar, o repórter quer mais tempo em cada lugar, chove, atrasa. Você lida com imprevisto o tempo inteiro. Mas é um trabalho lindo, que compensa demais: existe aqui uma riqueza que agora está mais preservada. Posso falar por nós, da coordenação: hoje, conhecemos o Estado do Rio de Janeiro de uma forma diferente, culturalmente muito mais potente do que víamos antes.

SERVIÇO

Mapa de Cultura - <http://mapadecultura.rj.gov.br/>

Para colaboração: mapadecultura.rj.gov.br/pagina/colabore

Coordenação e conteúdo: Diadorim Ideias e Comunicação

Patrocínio: Petrobras

Expediente completo: <http://mapadecultura.rj.gov.br/pagina/o-que-e/#prettyPhoto/1/>

"Mudei meu olhar, vi beleza e tradição"

SAMANTHA PAIXÃO

A experiente jornalista e fotógrafa Isabela Kassow, que passou pelo *Jornal do Brasil* e *O Dia*, nascida em Brasília - e “carioca de adoção”, segundo ela -, se diz “muito impactada”. “Mudei meu olhar sobre o que o povo é capaz de fazer de tão lindo e forte. Vi tradições incríveis, a religiosidade como veículo de beleza e tradição; pensava – meu Deus, como isso existe e eu não conhecia?. Estou fazendo planos de voltar a vários desses lugares”. Isabela destaca alguns momentos:

Magé: “uma grande surpresa foi ver como o Estado do Rio é rico em patrimônio material”. O município tem lindas igrejas à beira da Baía de Guanabara, com vista para o mar e uma arquitetura bem parecida com a das igrejas de Ouro Preto.

Japeri: durante a viagem na cidade, a equipe atravessou, de carro, a passagem de nível e, além do trânsito intenso, as ruas eram muito confusas. O motorista, sem perceber, parou na passagem de nível e a equipe viu, ainda longe, um trem vindo em sua direção. “Começamos a gritar dentro do carro. Mas depois, rimos muito da situação”.

Engenheiro Paulo de Frontin: depois da sessão de fotos dentro de um milharal, Isabela sofreu com uma forte irritação no tornozelo, a ponto de inflamar. Quando já sofria há três dias com essa coceira, tentando sem sucesso tratar com pomada de calêndula, chegou para uma reportagem com Dona Odília, uma reza-

deira local. Isabela pediu que ela olhasse a sua coceira. Dona Odília disse que aquilo era um “cobreiro” e que ela iria rezar a perna. No dia seguinte, a coceira já estava bem menos intensa e as feridas, secas, afirma a fotógrafa.

Baixada Fluminense: Isabela ficou muito surpresa com a riqueza cultural da região. “Por causa do trabalho do Mapa, pude conhecer e entender uma região muito subestimada”. Ela destaca o grupo Flor do Oriente, de Duque de Caxias, que tem poucos recursos materiais - a sede fica em uma área pobre -, mas que fazem um festejo lindo.

Rio das Flores: há no município a Sociedade Musical Camera-ta Riofloreense que ensina música clássica a jovens e mantém oficinas de luteria. A sede fica na beira da estrada, cercada de montanhas desmatadas, “com ar de melancolia e beleza,” diz Isabela. Para ela, foi emocionante assistir às crianças tocando naquele ambiente grandes clássicos da música.



Antiga estação de trem em Japeri

Diretor do Inepac fala do Mapa de Cultura

“A visão dessa riqueza cultural reunida é muito importante”

O arquiteto e mestre em Conservação e Preservação do Patrimônio Cultural Paulo Vidal é diretor do Instituto Estadual de Patrimônio Cultural, Inepac, desde julho de 2012. Quando ele assumiu o órgão, braço da Secretaria de Cultura do Estado, a elaboração do Mapa já estava em fase final. O Inepac passou a cuidar do projeto e Vidal já está trabalhando em desdobramentos rumo à segunda fase. Ele falou sobre o projeto para **O Prelo**.

O Prelo – Quais foram os critérios que prevaleceram na seleção?

Paulo Vidal – Foram os critérios de campo, que foram se definindo durante a pesquisa. Basicamente queríamos dar rosto para as atividades culturais desenvolvidas nos municípios. A cada visita, eram levantadas e registradas atividades citadas pelos próprios habitantes. Mais do que um trabalho de técnicos de patrimônio, ou de sociólogos, o Mapa foi um trabalho de reportagem, das equipes em campo. O resultado é que o visitante de determinada cidade ou região, com aquelas informações, pode localizar centros de cultura, saberá quando determinada festividade acontece, onde está um bem tombado e como visitá-lo.

O Prelo – Sendo aberto à colaboração do público, e incentivando a participação, o Mapa é dinâmico, se modifica?

Paulo Vidal – Sim, e a ideia do mapa colaborativo, para que se tenha a possibilidade de inserir novas manifestações e informações, o torna muito interessante. O detentor de um determinado saber, ou o brincante de tal manifestação, ou proprietário de determinado bem pode recorrer ao mapa para se fazer visível. E essa é a ideia principal: tornar visíveis muitos pontos dessa rica cultura que o Estado do Rio produz, muitos deles que você só conseguiria mostrar, localizar através de uma pesquisa demorada. Era mais difícil saber, por exemplo, que em Varre-Sai se produz o vinho de jabuticaba, ou que existe em Valença o Quilombo São José. São muitos tipos de manifestação cultural nos municípios, que muitas vezes não encontram um canal fácil de comunicação com o público, seja local, regional ou nacional.

Nós mapeamos a cultura do Estado do RJ num determinado período e a dinâmica é natural,... a ideia é poder estruturar sempre muito bem essa troca de informações. E os vídeos trazem uma riqueza para

o mapa muito grande. Poder ver um pedacinho de alguma manifestação, festa, ou relato de algum personagem.

O Prelo – Essas definições amplas de cultura – desde evento artístico ao olhar antropológico – abrem um grande leque. É correto dizer que o mapa navega por todos esses polos? É possível ter uma visão desse desenvolvimento turístico, cultural e econômico combinados?

Paulo Vidal – Na maioria das regiões existe já essa combinação natural – pela formação, pela economia desenvolvida em cada lugar. O Vale do Café tem um apelo grande, assim como a região do Vale do Paraíba. Há alguns motes interessantes: a cultura do açúcar no Norte fluminense, a cultura do sal na Região dos Lagos, hoje também chamada de Costa do Sol, a cachaça em Paraty, que é um bem cultural reconhecido pelo governo do Estado do Rio de Janeiro. Ali, a cachaça usa o nome da cidade como substantivo comum, parati, como uma denominação de origem, levando para essas regiões uma visibilidade e a valorização das tradições locais.

O Prelo – Nesse momento de evolução tecnológica, em que aparentemente temos acesso a tudo na rede, há quem aponte uma falta de direcionamento e edição de tanta informação. Um mapa que organize e edite essas informações é uma contribuição efetiva?

Paulo Vidal – Exato. Na realidade, estamos partindo para pensar novas ferramentas – temos em andamento uma proposta à Petrobras para voltar a vinte municípios e aprofundar a cobertura e a pesquisa da cultura local, e em seguida lançar o mapa bilíngue, em português/inglês. Logo após, queremos transformá-lo em trilingue, acrescentando o espanhol, ampliando sempre o alcance do trabalho.

Outras ferramentas que estamos desenhando são os aplicativos para smartphones e o Meu Mapa –

Foto: Caru Ribeiro



uma área para onde o usuário arrasta seus verbetes de preferência, seja um determinado tipo de atividade ou uma região em especial, deixando ainda mais particularizada a visão do visitante. A ideia é que até a Copa esteja tudo pronto.

O Prelo – Como se dá a interação do Mapa de Cultura com a indústria do turismo?

Paulo Vidal – Buscamos isso através da Secretaria de Turismo. O mapa trilingue, o app, Meu Mapa e os roteiros culturais já são trabalhos em desenvolvimento em estreita colaboração. Nessa área, temos ainda os Roteiros Culturais, proposta similar às que existem na Europa – a rota do vinho ou dos castelos do Loire. São roteiros pré-montados, onde se trabalha a área de cultura como fator importante da economia local. Assim, você pode ajudar o habitante, o comerciante, o artista, o empresário a receber melhor o turista, criando ou melhorando a apresentação de seus instrumentos de comunicação – como a folheteria, – da maneira mais eficiente possível.

O Prelo – Sua visão do Estado do Rio mudou depois do Mapa?

Paulo Vidal – A gente percebe agora de maneira clara um Estado que já sabíamos ser rico. Mas o fato é que não tínhamos noção exata de onde estava essa riqueza cultural. Hoje, podemos localizar o que quisermos, município por município, ou por atividade – brincadeira, museu, atividade cultural ou patrimônio. Encontra o jongo, o mineiro-pau. Isso torna muito mais palpável aquilo que a gente sabia num conjunto de certo modo indistinto. A cultura no Estado do Rio é múltipla e diversa. A visão dessa riqueza reunida é muito impactante. A ferramenta interativa torna isso cada vez mais patente do ponto de vista cultural, tanto para as pessoas de cada lugar e para quem vem de fora □

Museus: memória e inovação em debate no Rio

A 23ª edição da Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus destaca as instituições como agentes da evolução tecnológica e humanística

Foto: Bruno Itan

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) e o ICOM Brasil promovem de 10 a 17/8 sua 23ª Conferência Geral, que é realizada a cada três anos. É a segunda vez que uma cidade latino-americana sedia o encontro desde a fundação da organização, em 1946 – a primeira foi em Buenos Aires, em 1986. Os 31 comitês internacionais que formam a entidade vão discutir, em debates e palestras na Cidade das Artes, Barra da Tijuca, o papel dos museus pelo viés do tema escolhido: *Museu (Memória + Criatividade) = Mudança Social*. No período, a rede de museus da cidade vai promover exposições e concertos para o público em geral.

– A escolha do Rio comprova a maturidade do setor e o protagonismo da cidade em nível mundial – comemora Maria Ignez Mantovani Franco, presidente do Conselho de Administração do ICOM-Brasil e vice-presidente e representante para a América Latina do CAMOC (Comitê Internacional de Museus de Cidade do ICOM). – Vencemos Milão e Moscou. A união das esferas federal, estadual e municipal em torno do projeto pesou a favor, assim como o material de campanha, que elaboramos com a ajuda do Comitê Olímpico Brasileiro.

São esperados três mil profissionais de cem países. O tema traz uma “combinação eminentemente brasileira”, destaca Maria Ignez.

– Num momento de mudanças no cenário internacional de museologia, de busca de novas soluções na inclusão social e representatividade, penso que a experiência brasileira torna-se ainda mais relevante – explica.

Diretora do Museu da República, a museóloga Magaly Cabral reafirma a vitalidade do setor no Brasil, lembrando que também os museus ditos tradicionais já trabalham em interação com o público:

– Estamos trocando muito



Denise Grinspun (Museu Castro Maya), Maria Ignez Mantovani Franco (Presidente do ICOM Brasil), Governador Sérgio Cabral, Janine Pires, Secretária Executiva do Ministério da Cultura; Hans-Martin Hinz (Presidente do ICOM), Tereza Scheiner (Vice-Presidente do ICOM), Carlos Roberto Brandão (Presidente da 23ª Conferência Geral do ICOM) e Magaly Cabral (Diretora do Museu da República).

com museus de comunidades. O museu de hoje, além de promover o fortalecimento da identidade pela valorização da memória, busca essa interação – afirma Magaly, dando exemplos do próprio Museu da República. – Numa mostra, desafiávamos os visitantes a descobrir o que eram alguns objetos do acervo, um deles que nem nós sabíamos exatamente para que servia. É um novo comportamento do museu, numa postura de troca, de não autoritarismo: estamos inseridos, perguntamos, dialogamos.

O atual presidente do ICOM, Hans-Martin Hinz, esteve no Rio em maio e afirmou que o “espírito de harmonia entre culturas, etnias, religiões e ideologias” que caracteriza a cidade foi fator decisivo na escolha da sede da Conferência.

– E há maravilhosos novos museus sendo inaugurados aqui – diz Hinz. – Esperamos dividir conhecimento, fortalecer a presença do ICOM na região e reforçar o papel

essencial dos museus na sociedade de hoje, inclusive como centros de inovação e plataformas de conhecimento e aprendizado. Além de conservar e difundir nossa herança histórica, a força dos museus reside também na capacidade de reinventar-se. O tema da Conferência destaca a marca de contemporaneidade que é elemento essencial do nosso trabalho □

SERVIÇO

23ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM) - De 10 a 17/8, na Cidade das Artes, Barra da Tijuca – RJ: www.icomrio2013.org.br e ICOM: <http://icom.museum/>

A Conferência conta com a correalização do Instituto Brasileiro de Museus / MINC, do Governo do Estado e da Prefeitura do Rio de Janeiro, além do patrocínio da Petrobras, BNDES, Bradesco, OI, Light, Vale e Gerdau. Conta ainda com o apoio da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro e da Rede Globo



Projeto música nas escolas em Barra Mansa faz dez anos atendendo a 25 mil crianças

Projeto leva aulas e prática da música a todos os alunos da rede municipal e mantém bandas, corais e até uma orquestra sinfônica completa

PEDRO CHILINGUE E RAFAEL RIBEIRO

Gideoni Loanir tem 20 anos, pele negra e um sorriso constante; alto e forte, senta-se na primeira fila da Orquestra Sinfônica de Barra Mansa – ele é o violinista *spalla*, o músico de maior autoridade numa orquestra, depois do regente. Nascido em Volta Redonda, no sul do estado do Rio de Janeiro, terceiro filho de um operário da Companhia Siderúrgica Nacional e de uma dona de casa, Gideoni viu as portas se abrirem para uma carreira musical através do projeto de Música nas Escolas/Orquestra Sinfônica de Barra Mansa. Formou-se ano passado pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro e pensa em voos mais altos. Seu irmão Giliéder, de 19 anos, toca trompa nos diversos grupos do projeto. Ambos querem seguir carreira: “A música entrou na vida da gente ainda na escola e é a profissão que escolhemos”, diz Giliéder.

Assim como os dois irmãos, cerca de 25 mil crianças e jovens de Barra Mansa vêm, há dez anos, deixando a música entrar em suas vidas

Fotos: Fabrício Rezende



Giliéder Loanir, músico do Projeto Música nas Escolas de Barra Mansa

– e, mesmo não seguindo carreira, a maioria deles vai ser beneficiada em muitos aspectos, desde o estímulo intelectual à autoestima reforçada. O objetivo? Oferecer a chance de um desenvolvimento musical aos alunos da rede municipal de educação da cidade; criar uma estrutura de ensino e

prática da música (com equipe, instrumentos, salas) e, nesse impulso, manter diversos grupos – Orquestra Sinfônica completa, Bandas, Coral, grupos de câmara e de percussão.

O programa *Música nas Escolas* de Barra Mansa, da Fundação de Cultura/Secretaria Municipal de Educação, nasceu “muito antes da lei de 2008 que obriga as escolas a incorporarem as aulas de música”, ressalta o produtor executivo André Oliveira. A pequena parcela inicial de estudantes – cerca de 600 –, hoje cresceu: estudavam música nada menos que 100% dos alunos entre seis e onze anos das escolas municipais, ou seja, do pré-escolar ao quinto ano do Ensino Fundamental.

A Orquestra – completa, nos moldes das sinfônicas mais tradicionais – participa de diversos eventos importantes como a MIMO, Mostra Internacional de Música de Olinda, e a inauguração da Árvore de Natal da Lagoa, no Rio, e toca nos principais palcos do país, com solistas de



projeção nacional e internacional (a soprano Rosana Lamosa e o pianista Barry Douglas são alguns deles). A batuta é do regente e diretor artístico Vantoil de Souza Júnior e de outros maestros de peso. “A Banda Sinfônica faturou cinco campeonatos nacionais!”, celebra André. “É um orgulho enorme”. A Orquestra de Metais é tetracampeã nacional e a Banda Sinfônica Infante-Juvenil, bicampeã nacional em sua categoria. E o projeto recebeu o Prêmio Cultura Nota 10, do Estado do Rio de Janeiro.

Com sede no Parque da Cidade – “um antigo galpão do Exército, reformado e estruturado para ensaios”, conta André Oliveira –, o Música nas Escolas ajudou a transformar as instituições públicas do ensino fundamental de Barra Mansa em polos do aprendizado musical. Do sexto ao nono ano, as aulas de música estão inseridas na disciplina Educação Artística. A atividade prática acontece desde a iniciação, com os instrumentos disponibilizados nas próprias escolas.

A equipe de músicos profissionais – entre eles, a violinista Ana Oliveira e o violoncelista David Chew – dá aulas aos instrutores e aos alunos mais avançados. “O projeto de professores *masters* foi iniciado em 2007 com a chegada de patrocínios de empresas privadas, completando os recursos de manutenção oriundos da Secretaria Municipal de Educação, elevando significativamente a capacidade artística dos jovens músicos”, afirmou André. Conforme os jovens se aperfeiçoavam musicalmente, o número de apresentações fora de Barra Mansa aumentava. A OSBM já tocou no Rio de Janeiro – no Teatro Municipal, no Espaço Tom Jobim, na Sala Cecília Meireles; em São Paulo, no Teatro Municipal, no Teatro Arthur Rubinstein, Teatro do Sesi; e



Ariel Hiago, músico da Banda Marcial de Barra Mansa

até em Córdoba, na Argentina. “Em outubro e novembro deste ano, depois da MIMO, vamos fazer uma turnê de seis concertos, tocando inclusive na Sala São Paulo”, revela André.

A população da cidade, diz o produtor, ganha em dobro: além da educação musical para a criançada, desfruta de uma programação de qualidade. “Fizemos recentemente um concerto com obras de Wagner, Verdi e Stravinsky, e foi uma aclamação. Não existe o repertório facilitado, pensamos na qualidade – e funciona”, garante Oliveira. “Agora, além de captar outros patrocínios para

garantir a estabilidade do projeto, almejamos a construção de uma sala de concertos em Barra Mansa”, diz.

Os irmãos Gideoni e Giliéder Loanir são provas vivas do sucesso. O violinista Gideoni, formado no Conservatório em 2012, sonha estudar fora e seguir carreira como solista. E o trompista Giliéder prossegue na formação – “indo muito bem, e feliz”, em suas palavras. Os dois, como muitos outros em Barra Mansa, voam alto – nas asas da música.

SERVIÇO

Música nas Escolas – projeto da Fundação de Cultura/Secretaria Municipal de Educação com apoio de empresas como Light, Votorantim Siderurgia, Saint-Gobain, White Martins e CCR Nova Dutra

Convênio com o Centro Universitário de Barra Mansa encaminha alunos ao curso superior de música - Licenciatura e Bacharelado, avaliados com notas 4 e 5 – esta, a nota máxima – pelo MEC. A partir deste ano, os estudantes contarão com um pioneiro curso de pós-graduação em Educação em Música.

End.: Av. Prefeito João Chiesse Filho, 312 - Parque da Cidade - Barra Mansa - RJ – Tel.: (24) 3323.8509
<http://www.musicanasescolas.com/>
contato@musicanasescolas.com



Banda Sinfônica Juvenil do Projeto Música nas Escolas de Barra Mansa



Entre os vários projetos sociais que investem na música, dois deles também se destacam no Estado, com ênfase no ensino do clássico como ferramenta de transformação: a Ação Social pela Música, que beneficia jovens de várias comunidades do Rio de Janeiro, e o Programa Integração pela Música (PIM), no município de Vassouras.

Ação Social pela Música – comunidades da cidade do Rio de Janeiro

O projeto foi criado em 1996 pelo maestro David Machado com a ajuda de sua mulher, a violoncelista Fiorella Solares, atual coordenadora do programa que buscava desde o início compartilhar e democratizar a música. Já no primeiro ano, ganhou o apoio do Ministério da Cultura para abrir sua primeira sede, em Campos dos Goytacazes, interior do Rio de Janeiro. Ali funcionava a instituição *Orquestrando a Vida*, com a qual estabeleceram parceria, na primeira semente da iniciativa.

Em janeiro de 2009, com a chegada das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) às comunidades cariocas, a *Ação Social pela Música* aportou no Santa Marta; em 2011, chegou à comunidade do Alemão e à Cidade de Deus. O posto no Complexo da Tijuca (Morro dos Macacos) completou um ano em julho de 2013. "Através do Rio Solidário, programa do Governo do Estado e da Secretaria de Segurança, que viu com bons olhos o nosso trabalho, implantamos nossa segunda semente na cidade", conta Fiorella, que celebra a pacificação: "A UPP foi uma grande oportunidade. Nossa expectativa é de atingir mais comunidades e ajudar a construir, junto com as UPPs, uma mudança no Estado".

Com atividades totalmente gratuitas o projeto ainda disponibiliza todos os instrumentos para os alunos



Aula de violoncelo com a professora Cicelle dos Santos

e fornece, além disso, bolsa alimentação e reforço escolar. "Todos os envolvidos no programa amam estar aqui", relata Fiorella. Os 600 alunos que frequentam as aulas práticas têm entre 6 e 17 anos.

Cada núcleo tem sua orquestra, formada pelos próprios estudantes, que toca em eventos, concertos e ocasiões especiais como visitas de políticos, empresários, personalidades. Fiorella relembra algumas ocasiões: "Já participamos de programas de televisão, como o *Mais Você* e o *Jornal Nacional*, da Rede Globo; recebemos a visita da cantora Madonna e do ex-prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani".

O policial militar Jefferson Albuquerque, que atua na UPP do Complexo da Tijuca e é também professor voluntário de flauta transversal, confirma a satisfação de contribuir com o projeto: "Sou músico há muito tempo e fico feliz por colaborar e passar conhecimento sobre o assunto. As crianças ficam sem atividades depois das aulas regulares e esse projeto se torna uma oportunidade para estes jovens ocuparem suas tardes com algo de útil e interessante". Sua aluna Victória Gabrielle, de 11 anos, pratica o instrumento há cerca de um ano e quer seguir carreira: "Querida estudar piano, mas quando cheguei me apaixonei pela flauta transversal. Pretendo, quando crescer, ser uma flautista", conta.

Fotos: Rafael Ribeiro



A coordenadora Fiorella Solares e o professor Jefferson Albuquerque com a turma de flauta transversal

SERVIÇO

<http://asmdobrasil.org.br/>
Av. Nossa Senhora de Copacabana,
680, Sala 713 Cep 22.050-001 – Copacabana – Rio de Janeiro – RJ
Tels.: (21) 3062-2782 / 2547-4223
Projeto do Rio Solidário/Secretaria de Segurança do Estado do RJ.

A Ação Social também recebe apoio da Escola Alemã Corcovado e do Consulado da Alemanha no Rio de Janeiro. A Embratel é patrocinadora através da Lei de Incentivo à Cultura.

solares.ec@uol.com.br / acaosocial-pelamusica1@uol.com.br



Programa Integração pela Música - Vassouras, RJ

Em 1981 foi fundada em Vassouras a Sociedade Musical Nossa Senhora da Conceição com o duplo objetivo de ensinar música aos jovens e manter a banda regida pelo maestro Anecy Duarte Moreira. A banda, composta por seus filhos e por amigos músicos do local, participava de concertos nos coretos e praças da região. Em 1997, o maestro Cláudio Pereira Moreira, filho de Anecy, organizou um coral natalino com alunos de escolas públicas da cidade, e percebeu que, a cada Natal dos anos seguintes, aumentava o número de crianças interessadas em participar da cantata. Em 2000, finalmente, foi criado o Programa Integração pela Música (PIM), que, segundo a coordenadora do projeto Célia Moreira, surgiu para suprir a demanda dessas crianças e adolescentes por ensino de música.

O programa mantém a gratuidade nas aulas e na prática de conjuntos – Orquestra e Banda Sinfônica, Orquestra de Cordas, Orquestra e Banda Infanto-Juvenil, Coral Infantil,

Coral Infanto-Juvenil, Musicalização Infantil e Projeto Ritmo. O público-alvo é bem variado: apesar de 90% dos estudantes frequentarem a rede pública de ensino, há alunos com idades que vão dos três aos 93 anos. Também frequentam o PIM estudantes da Sociedade Pestalozzi e do Centro de Convivência do Idoso.

A orquestra e a banda, formadas por alunos e monitores com idades entre 14 e 24 anos de idade, já se apresentaram por todo o país: nas comunidades e teatros cariocas, nos distritos e periferias da região Sul Fluminense e Médio Paraíba, congressos e eventos como o Rio+20. Célia relata, orgulhosa, o reconhecimento recebido: “Em 13 anos de caminhada, a instituição conquistou prêmios consecutivos – do Cultura Nota 10 (2004) ao Circuito das Artes (2012)”. O PIM trabalha também pela implementação qualificada do ensino musical nas escolas: fez o primeiro Fórum de Música, Educação, Gestão e Cidadania em 2009 – e a iniciativa já

se dirige para a quinta edição. “É uma maneira de impulsionar e desenvolver ferramentas de gestão e empreendedorismo cultural, incentivar a cadeia produtiva da música, qualificar os educadores do ensino formal e não formal na didática musical e democratizar o acesso a atrações artísticas nas cidades do interior”, conta a coordenadora.

No seu âmbito de ações, o PIM mantém ainda uma Biblioteca Comunitária, o Cine PIM, a incubadora de projetos PIM Cultural, a incubadora audiovisual PIM e a Cooperativa de Pais do PIM, que promove o evento-jantar Concertando a Sexta: a cada dois meses, artistas e *chefs* doam seus cachês para contribuir com a manutenção do projeto □

SERVIÇO

Programa de Integração pela Música (PIM)

Endereço: Praça Eufrásia Teixeira Leite, 33 - Tel.: (24) 2471-9320

Centro – Vassouras – RJ

<http://pim-org.com/>



Foto: Divulgação

Cláudio e Célia Moreira com um grupo de jovens músicos



Sala de Cultura celebra dois anos de eventos

REBECA LETIERI E RAFAEL RIBEIRO

Desde que foi inaugurada, em 1º de julho de 2011, a Sala de Cultura Leila Diniz apresenta o trabalho de artistas da região de Niterói e arredores, em eventos das mais diversas manifestações culturais: das artes plásticas ao teatro, da música à literatura, sempre com entrada gratuita. Mas a celebração dos dois anos de sucesso da Sala centrou-se num único tema. Trinta e três artistas mulheres do Brasil interpretaram, na mostra *Ela por Elas*, a figura e o legado da atriz que dá nome ao espaço, a doce revolucionária Leila Diniz, nascida na cidade.

DIVERSIDADE CULTURAL, VIDEOWALL E JARDINS

“É maravilhoso ter um espaço multiuso, múltiplo em todos os sentidos com o nome da minha mãe”, alegrou-se a filha da homenageada, Janaína Diniz, presente à abertura da exposição.



Janaína Diniz prestigia a abertura da mostra

O diretor-presidente da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Haroldo Zager, foi quem idealizou o projeto que tem Renata Palmier como coordenadora. Renata abraçou a ideia. “Foi um desafio”, recorda ela. O objetivo principal foi dar abertura aos artistas, sem custos, preenchendo uma lacuna da região. “A expectativa é de crescer cada vez mais”. O primeiro evento foi o *Giro Cultural*, em dezembro de 2011 (veja Box com as séries da programação).

A área de 240 m² foi projetada sem paredes ou divisórias especialmente para receber vários tipos de manifestações culturais. A fachada de vidro reflete o jardim inspirado na obra do paisagista Burle Marx. A sala atende aos critérios de acessibilidade para visitantes com necessidades especiais.

ELA POR ELAS

A mostra teve a curadoria do cartunista e pesquisador de artes Zé Graúna: “Já estava trabalhando em uma pesquisa sobre as mulheres artistas

no Brasil e sugeri que a homenagem à Leila Diniz fosse feita com obras desenvolvidas por mulheres”. Muitas das artistas compareceram ao coquetel de abertura e de celebração. Público e convidados ganharam caricaturas feitas na hora e músicos do Programa Aprendiz se apresentaram. O livreiro Carlos Mônaco e o subsecretário de Cultura de São Gonçalo, Marcos Vinícius, também estiveram no evento □

ATIVIDADES PERMANENTES

- *Giro Cultural*: no segundo sábado do mês. Às 10h acontece um evento literário na livraria Ideal, de Carlos Mônaco; às 12h as portas da Sala se abrem para uma apresentação de teatro infantil.

- *Jovem Aprendiz*: na última quarta-feira do mês, às 12h30. Concertos com os professores e alunos do projeto de Niterói.

- *Exposições de Artes Plásticas*, mensalmente, uma nova mostra. A exposição permanente *80 anos do Diário Oficial* exhibe capas do informativo, objetos e equipamentos utilizados para sua confecção, mostrando a evolução da tipografia e do projeto gráfico do jornal ao longo das décadas. No *videowall* e nas lousas interativas, o público vê histórias, memórias e dados institucionais.

SERVIÇO

Sala de Cultura Leila Diniz
R. Prof. Heitor Carrilho, 81, Centro de Niterói (ao lado da sede da Imprensa Oficial).

Funcionamento: de segunda a sexta, das 10h às 17h e sábado das 14h às 17h.

Todos os eventos têm entrada gratuita.

Parcerias: Fundação de Artes de Niterói (FAN) / Instituto Memória Musical Brasileira (IMMUB).

Email para envio de projetos para avaliação - saladecultura@imprensaoficial.rj.gov.br

ARTIGO

Arnaldo Niskier

MARQUES REBELO A Estrela Sobe

Marques Rebelo notabilizou-se com esse pseudônimo. O seu nome verdadeiro era Eddy Dias da Cruz, carioca nascido em 1907 e que viveu na sua cidade até o ano de 1973, quando faleceu aos 66 anos de idade. Faz parte de um grupo de elite de escritores

cariocas, entre os quais podemos citar Machado de Assis, Lima Barreto e o nosso confrade Carlos Heitor Cony.

Bisneto do II Barão da Saúde, chegou a estudar três anos de Medicina, no final da década de 20, mas abandonou os estudos para dedicar-se de corpo e alma ao jornalismo e à literatura. Mais tarde concluiu o curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade Nacional de Direito da então Universidade do Brasil. Seu pendor,

no entanto, estava mesmo voltado para a literatura.

Adepto da escola realista, escreveu o primeiro livro em 1931, com o título de *Oscarina*. Depois vieram *Três Caminhos*, do qual o conto *Vejo a lua do céu* tornou-se telenovela; *Marafá*; o clássico *A Estrela Sobe* (1939) e em seguida o não menos famoso *O Espelho Partido*. Escreveu também diversos contos, a peça teatral *Rua Alegre*, em 1940, crônicas, biografias (dedicando-se à vida e obra de Manuel Antonio de Almeida, literatura infanto-juvenil (10 livros) e literatura didática, em que se insere a *Antologia Escolar Portuguesa*, de 1970.

Homem incansável, foi autor de inúmeras traduções, como a de *Ana Karênina*, de Tolstói, em 1948, além de ter alcançado outros autores, como Flaubert, H.G. Wells, Júlio Verne, Balzac e Franz Kafka.

Tive o prazer (imenso) de conhecer pessoalmente Marques Rebelo. Foi no começo da minha carreira jornalística, nos idos da década de 50, quando trabalhava no jornal *Última Hora*. Samuel Wainer, em sua época dourada, comprou também a Rádio Clube do Brasil (PR-A3). E entregou a direção ao seu amigo Eddy Dias da Cruz. Ele logo valorizou o lado jornalístico da emissora e deu força ao setor de esportes, dirigido por Raul Londres. Havia uma parceria muito estreita entre a rádio e o jornal, tanto que muitos repórteres da *Última Hora* eram apresentadores na emissora de rádio, entre eles eu me encontrava, transmitindo notícias – e até jogos de futebol, como ocorreu na estreia com um Fluminense x Portuguesa, no campo do América F.C.

Por falar no clube de Campos Sales, Marques Rebelo era completamente apaixonado pelo América, ao qual dedicou muitas crônicas de louvor e encantamento. Era levado por um pensamento que ficou para sempre guardado: “Nenhum minuto é vazio, desde que possamos sonhar.”

E tivemos a vida acadêmica de Marques Rebelo, a partir de 1965, na cadeira nº 9. Ao tomar posse, revelou-se “um carioca de Vila Isabel, bairro que tem nome de princesa, mas é proletário e pequeno-burguês, e cuja gente humilde foi o básico material de sua ficção e do seu amor.” Marques Rebelo chegou a participar da diretoria da Casa de Machado de Assis, depois de retratar a cidade nos últimos anos pré-industriais, quando na Tijuca ainda se faziam serenatas, a Lapa estava no auge e casais de namorados passeavam de bonde.

Arnaldo Niskier da Academia Brasileira de Letras e presidente do CIEE/RJ

Foto: Guilherme Gonçalves/ABI



O acadêmico e professor Arnaldo Niskier

Foto: Wikimedia Commons



O escritor Marques Rebelo no Rio de Janeiro, em 1954



Paquetá: cultura, lendas e romantismo na Ilha dos Amores

Casa de Artes Paquetá desenvolve ações culturais e educativas e movimenta o turismo cultural no bairro carioca

SAMANTHA PAIXÃO

Localizada a cerca de 15 km do Centro do Rio de Janeiro, a Ilha de Paquetá é um bucólico bairro da capital do Estado. Durante o trajeto de barca que sai da Praça XV, avistam-se a Ilha Fiscal, as ilhas Jurubaibas e até, se as nuvens permitirem, o Dedo de Deus coroando a Serra dos Órgãos. Os 70 minutos da pequena viagem têm clima de passeio, embalado pelo vento da Baía de Guanabara e pela cantilena de vendedores de balas, biscoitos e picolés. O bairro, cujo nome indígena significa “muitas pacas”, oferece lazer simples e barato, como o circuito de trilhas que podem ser percorridas a pé ou de bicicleta – este, o principal meio de locomoção, já que não é permitido o tráfego de veículos particulares. “A ilha é linda e calma, unindo a natureza dos parques a edificações como o mirante, a casa e Pedra da Moreninha”, diz Sueli Mena Barbosa, moradora de Copacabana e visitante dos pontos turísticos de Paquetá.

Apesar de estar listada como Área de Preservação do Ambiente Cultural (Apac), Paquetá sofreu com a degradação da natureza e do patrimônio arquitetônico. Para revitalizar social e culturalmente a ilha, e estimular a consciência ambiental nos moradores e visitantes, a instituição Casa de Artes Paquetá, funda-

da pela iniciativa de José Lavrador e Josiane Kevorkian, mantém projetos como o Bem Me Quer Paquetá, que capacita crianças e jovens da região na música clássica. Segundo José Lavrador, o coordenador da instituição, os conceitos-chave do projeto se fundamentam na preservação da ilha – incluindo o incentivo ao turismo sustentável – e na valorização da identidade local.

“Bem Me Quer Paquetá, que começou em 2000, é o maior e mais impactante projeto da Casa”, diz o coordenador. “A vivência ajuda no processo de formação da cidadania das crianças, tornando-as mais reflexivas e críticas. O projeto ainda proporciona base musical para quem deseja seguir a profissão – três alunos nossos já conseguiram ingressar em faculdades públicas de música.”

A cada ano, o Bem Me Quer Paquetá elege um tema relacionado à identidade cultural da ilha, como *Maestro Anacleto de Paquetá*, *Lendas de Paquetá*, *Histórias da ilha*, *Um rei em Paquetá*, *Orquestra Jovem Paquetá*

Foto: Samantha Paixão



Valorização e preservação da identidade local

em Concerto e *A Moreninha* – este, premiado pela Secretaria Municipal de Turismo em convênio com o Ministério do Turismo. Os temas são desenvolvidos em espetáculos realizados em diversos locais da ilha e em teatros no município do Rio de Janeiro. Ainda segundo Lavrador, o Bem Me Quer Paquetá possibilitou que a sede da instituição se transformasse em palco permanente de concertos, com a realização de uma série de encontros de música de câmara e apresentação regular da orquestra Jovem Paquetá, sempre no primeiro fim de semana do mês.

Já participaram dos eventos os músicos Gilson Peranzetta, Mauro Senise, Duo Santoro, Fátima Guedes, Moacyr Luz e Elton Medeiros. As apresentações são, na maioria, gratuitas – algumas têm entradas a R\$ 10 e R\$ 5 –, apostando na ideia de trazer o público para um passeio cultural em Paquetá e, assim, movimentar a cadeia do turismo. A instituição ainda mantém a exposição permanente *A História da Ilha*, constituída por painéis que retratam a memória local. A casa, em parceria com as Secretarias de Educação e Cultura do Município, ainda realiza o programa Segundo Turno Cultural: oficinas de música em escolas de Paquetá, atividade que complementa a grade curricular do ensino fundamental. □

SERVIÇO

Horários e tarifas das barcas que saem da Praça XV: <http://www.gru-poccr.com.br/barcas>

Casa de Arte Paquetá

Praça de São Roque, 31 -

(21) 3397-0517 / 3397-2124

www.casadeartes.org

Horário de funcionamento: todos os dias das 10h às 17h

Fotos: Samantha Paixão



Praia da Moreninha

Uma ilha cobiçada, repleta de lendas românticas

A Ilha de Paquetá foi ocupada pelos franceses em 1555, no movimento que visava criar uma colônia no Novo Mundo, a França Antártica, e a região foi reconhecida como território francês pelo Rei Henrique II em 18 de dezembro de 1556, data em que se celebra o aniversário do bairro. Para fazer frente aos franceses, o rei de Portugal enviou a expedição de Estácio de Sá para assegurar a posse das novas terras. Após a expulsão dos invasores, no mesmo ano da fundação da cidade do Rio de Janeiro, 1565, a ilha foi dividida em duas sesmarias - Fernão Valdez ficou com sesmaria Ponte e Ignácio de Bulhões, com Campo.

Paquetá voltou a chamar a atenção dos portugueses com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro em 1808. O rei, que conheceu a ilha acidentalmente ao se abrigar no local durante uma tempestade, ficou encantado com o cenário e passou a frequentar regularmente a região para escapar das formalidades da Corte. Além de apelidar Paquetá de “Ilha dos Amores”, o soberano acreditava ter se curado de uma ferida crônica na perna banhando-a nas águas do

poço São Roque. Com a publicação do romance *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo em 1844, Paquetá passa a ser conhecida como um lugar nobre, tranquilo e romântico. Outro fator que contribuiu para a ampliação da vida cultural e turística da região foi a navegação regular para Paquetá desde 1877.

Poço São Roque: conta a lenda que suas águas seriam milagrosas e teriam curado uma chaga na perna de Dom João VI, e quem bebe sua água se apaixonará por alguém de Paquetá, retornando para viver na ilha. O poço foi fechado pela Saúde Pública no início do século XX, no combate aos mosquitos da febre amarela.

Canhão na Praia dos Tamoios: há quem diga que a arma integrou uma bateria usada para saudar com disparos a chegada de Dom João VI à ilha. Outros acreditam que teria sido usado na Revolta da Armada que teve a ilha como cenário.

Casa da Moreninha: bangalô cor de rosa na Praia Grossa, que foi usado para gravação de cenas da novela *A Moreninha* da TV Globo, baseada no romance de Joaquim Manuel de Macedo.



Alunos do projeto Bem Me Quer Paquetá



Misterioso canhão na Praia dos Tamoios



Bangalô usado na novela A Moreninha

A história das ferrovias brasileiras contada pelo Museu do Trem

NATAN PEREIRA

No bairro de Engenho de Dentro, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, fica uma atração cultural pouco conhecida do grande público: o Museu do Trem. Situada ao lado do Estádio Olímpico João Havelange, a instituição exibe um acervo de 135 peças – vagões, placas de sinalização, talheres, um telégrafo de código Morse e maquetes, além de diversas locomotivas – incluindo a veterana Baroneza, a primeira a rodar no Brasil, em 1854. A entrada é gratuita e o museu recebe entre 40 e 50 pessoas por dia.

Criado em 1984, o Museu do Trem ocupa cerca de 6.000 m² do antigo galpão de pintura da Rede Ferroviária Federal. Fechado por seis anos, a instituição teve seu espaço e acervo tombados em 2011 pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que assumiu a gestão. O historiador e administrador do local, Bartolomeu d'El-Rei Pinto, adianta que ali os visitantes encontram “peças que contam a história das ferrovias do país”.

A evolução dos vagões em *design*, decoração e funcionalidades é uma das maneiras de seguir a linha do tempo. Há ainda maquetes produzidas na Escola Técnica Estadual de Transportes Engenheiro Silva Freire, a mais antiga da República. A moradora do bairro Manuella Bueno, de 18 anos, que visitava o museu no início de

julho, destaca o que considera mais interessante: “Aqui podemos ver as diferenças entre os carros de várias épocas e admirar como alguns deles eram luxuosos”.

A locomotiva movida a vapor, Baroneza – com z – foi a pioneira no país e chama a atenção. Importada da Inglaterra, fez sua primeira viagem em 30 de abril de 1854: trafegou de Guia de Pacobaíba, Magé, a Fragoso, um trajeto de cerca de 6 km que foi, posteriormente, ampliado até Vila Inhomirim, atual Raiz da Serra. A Estrada de Ferro Mauá foi inaugurada com a Baroneza – o nome homenageia Maria Joaquina Machado de Souza, esposa do Barão de Mauá. Os vagões são todos de primeira classe. Original, com exceção da parte de madeira que foi restaurada, a locomotiva foi utilizada por 30 anos e está apta a funcionar até hoje.

VAGÕES USADOS POR D. PEDRO II E GETÚLIO VARGAS

D. Pedro II e a sua família viajaram de trem – e no Museu pode-se ver o ambiente que os recebia sobre os trilhos: um luxuoso vagão, importado da Bélgica em 1886, usado nas viagens entre Rio de Janeiro e Petrópolis. Preservados junto com a decoração original, veem a jarra usada para lavar as mãos, as cadeiras e o toalete do Imperador. Os carros contavam com iluminação a gás e elétrica, e sistemas de



Baroneza: primeira locomotiva do museu



Vagão usado por D. Pedro II





locomotiva Leopoldina era usada no transporte de carga

ventilação e exaustão. No lado externo há dois símbolos: o do Império e o da República. Bartolomeu explica o motivo: “Com o fim do Império, era inadmissível manter uma empresa com a predominância dos símbolos do regime passado. Na chegada da República, foi colocado o brasão do novo regime em um dos lados do vagão”.

O visitante pode conhecer também o carro utilizado pelo rei Alberto, da Bélgica, em 1922, quando o soberano foi a Minas Gerais inspecionar a mina de ouro Morro Velho. Antes usado pelos diretores da companhia, o vagão foi reformado em 1921 e o rei pôde usufruir do conforto de quarto e banheiro privativos – um corredor dava acesso direto ao fundo do vagão sem que fosse necessário passar pelos aposentos reais. Há ainda outro quarto, com gaveteiros e banheiro coletivos. Assim como no carro do Imperador, a decoração suntuosa está preservada.

As viagens ferroviárias do presidente Getúlio Vargas também estão lembradas no museu. O vagão revestido de lambris de madeira que Vargas utilizava até ser deposto em 1945 pode ser visitado. O carro chama a atenção pelo luxo: tem sala de visitas, onde eram feitas reuniões, e um gabinete privado onde o presidente despachava. A suíte é equipada com banheira e aquecedor de água. Há um segundo quarto, aparentemente destinado a convidados, e outro banheiro. Bartolomeu explica que a decoração era diferente nos cômodos – mas com um ponto em comum. “Os ambientes trazem motivos maçônicos. Acredito que esse vagão seja o mais luxuoso que temos aqui”.

O museu expõe duas locomotivas no lado externo. Uma delas, a Leopoldina, conta com o sistema de cremalheiras, uma espécie de roda dentada que permitia maior tração na subida da Serra e a frenagem mais eficiente na descida. A segunda, apelidada de Tatu, era usada nas minas de carvão.



Carro de bombeiros a tração animal sobre trilhos



Decoração luxuosa no vagão do presidente

PLACAS HISTÓRICAS E ATÉ UM CARRO DE BOMBEIROS

Uma outra linha do tempo pode ser acompanhada através das placas de identificação que eram fixadas nos trens, algumas registrando numeração, país de origem e ano de fabricação. Outras expõem o nome da companhia ferroviária brasileira que as utilizava. A mais antiga, de acordo com Bartolomeu, é datada de 1886 e veio da cidade de Filadélfia, EUA. Um carro de bombeiros da tração animal usado na ferrovia também faz parte do acervo do museu.

A sala de um diretor de estação foi montada ali com peças originais do início do século XX: mesa, máquinas de calcular e telefone.

“Ver de perto o vagão utilizado por reis e presidentes é muito interessante”, diz o estudante Paulo Alves, 18 anos, que visitava o local e pretende cursar história. “É muito enriquecedor conhecer um pouco da história ferroviária do meu país” □

Outros museus do trem:

A cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, também conta com um Museu do Trem. Criado em 1985, o museu tem em seu acervo dez mil fotografias em papel, negativos de vidro e registros em audiovisual da construção da estrada de ferro em diferentes mídias, atas, livros de registros dos funcionários, descrição de uniformes das diferentes funções, vagões, peças de carro que faz homenagem a Bento Gonçalves, entre outros. Há também um pequeno Museu em Miguel Pereira, na antiga estação ferroviária de Governador Portela, com peças relativas às ferrovias da região.

SERVIÇO

Museu do Trem
Rua Arquias Cordeiro, 1046, Rio de Janeiro, RJ
Telefone: (21) 2233-7483
Horários: segunda a sexta-feira, das 10h às 16h.
A entrada é franca.



Placas identificavam as locomotivas

Um sonho de todos



Comemorando em junho um ano de portas abertas, a Biblioteca Parque da Rocinha vai muito além de um mero espaço para leitura e abriga diversas atividades culturais

THAÍS BRITO

A primeira visão da Biblioteca Parque da Rocinha (BPR), na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, é a de um prédio imponente, com detalhes coloridos nos vidros das janelas e uma fachada branca que ganha vida com enfeites de diferentes tons. O passeio pelos cinco andares, num total de 1,6 mil m² de instalações espaçosas e bem planejadas, confirma a grandiosidade. Cada ambiente foi pensado para melhor atender às necessidades do público que tem à sua disposição uma DVDteca, um cineteatro com capacidade para 200

pessoas, uma cozinha-escola, um café literário, estúdios de gravação e de edição audiovisual, além de 48 computadores e 12 notebooks com acesso livre à internet. A biblioteca em si – ou o “coração” do prédio como prefere chamar a diretora da BPR, Daniele Ramalho – fica no terceiro piso e tinha em acervo, em junho, 11.716 artigos, sendo 10.914 livros e 802 DVDs.

Mas não é apenas pelos itens que os olhos são capazes de alcançar e de se encantar que a BPR desperta orgulho: é também por sua bela história. Inaugurada em 4 de junho de 2012, é símbolo de uma vitória da comuni-

dade que muito batalhou para ter um espaço que agregasse diversos tipos de atividades culturais. E essa relação entre a BPR e comunidade acabou sendo concretizada na sigla que acompanha o nome: C4, Centro de Convivência, Comunicação e Cultura, escolhido pelos próprios moradores.

A C4-Biblioteca Parque da Rocinha faz parte de uma rede que a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro vem implementando no intuito de oferecer um novo patamar de atendimento às comuni-

Foto: Thaís Brito



Colorida e com acervo variado, a biblioteca é a atração principal do local

Fotos: Caru Ribeiro



Espaço dedicado às crianças



A estudante Ingrid Nascimento, 13 anos, é uma frequentadora assídua



A educadora social da BPR Cristina Martins também usufrui do acervo

dades do estado. O projeto tem como principais referências as bem-sucedidas experiências em Medellín e Bogotá, na Colômbia, baseadas no conceito de espaço cultural e de convivência com qualidade física, humana e de serviços. Terceira do gênero no Brasil (a primeira foi a Biblioteca Parque de Manguinhos e a segunda, a Biblioteca Pública de Niterói), a BPR é o “primeiro equipamento cultural do Estado na Rocinha e que veio depois de oito anos de debates entre os moradores e os representantes do governo estadual”, como explica a diretora da unidade, Daniele Ramalho.

Atualmente integrando a equipe da BPR, a pedagoga e mediadora social Cristina Martins esteve presente durante todo o processo de debate e de construção do local. “Começamos com reuniões no Fórum Cultural da Rocinha, reivindicando um espaço como

este”, conta. “Junto com a proposta do PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento, e a ação da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, conseguimos um prédio maravilhoso para a comunidade. A sigla C4 veio para confirmar à comunidade que esse era um projeto dela, que já existia no desejo das pessoas, mas que ainda não tinha verba e nem lugar”, lembra a pedagoga, com orgulho.

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO

Este primeiro ano de funcionamento, a presença do público é um indicador de sucesso. Ao longo dos primeiros 12 meses em que esteve aberta, a BPR recebeu 74.070 visitantes (média de 6 mil por mês). Segundo Daniele Ramalho, tudo foi pensado para criar uma “acolhida simpática”. “Um exemplo: tínhamos pensado num espaço de recepção, mas eliminamos essa etapa para evitar no visitante a sensação de

exclusão ou de seleção; queríamos afastar qualquer hesitação ou constrangimento”, frisou.

A facilidade de acesso ao acervo também estimula o contato entre a biblioteca e a comunidade. Basta apresentar um documento de identidade e um comprovante de residência para retirar livros ou DVDs por empréstimo. No caso de menores de idade, há apenas mais uma exigência: de que a criança ou o jovem venha acompanhado por um responsável.

Atraindo um público de diferentes faixas etárias, a BPR já faz parte do dia a dia de moradores da comunidade e dos arredores. É o caso da estudante Ingrid Gomes do Nascimento, 13 anos, que considera o local sua “segunda casa”: “Venho todo dia depois da escola para ler poesia, romance ou drama e para assistir filmes”, conta a jovem, famosa junto à equipe da unidade por sua assiduidade.



A aluna de pedagogia Carolina Sampaio, 24 anos, aproveita o espaço para estudar e usar o computador



O cineteatro – com capacidade para 200 pessoas – é palco para apresentações culturais diversas

Outra estudante que está sempre circulando pelos corredores do espaço é Ana Beatriz Silva Alves, 9 anos. Vizinha da biblioteca, a menina frequenta o prédio desde a inauguração e aproveita os diversos recursos proporcionados pela biblioteca. “Gosto muito de mexer no computador e ver filmes. Já peguei os livros *Fala sério, amor*, da Thalita Rebouças, e o *Menino Maluquinho*, do Ziraldo. Também faço pesquisas para a escola: a última foi sobre o Dia do Índio”, enumera.

Já a aluna de pedagogia Carolina Sampaio, 24 anos, é uma frequentadora mais recente do local. Ela revela que se surpreendeu ao descobrir as funcionalidades da BPR. “Quando foi inaugurada, não sabia o que era. Depois de assistir a uma reportagem na televisão, descobri o que eu poderia estar usando. E hoje a biblioteca me ajuda bastante: estou no final do curso e tenho aproveitado para ter acesso ao computador e aos livros.”

NOVOS PROJETOS

No segundo semestre, o público terá ainda mais atividades ao seu alcance. Uma delas é o *PalavraLAB* que contará com quatro laboratórios: editorial; de memória e do território; de narrativas digitais e de narrativas cênicas. Além disso, a cozinha vai ganhar atenção especial. “A partir do segundo semestre devemos abrigar o primeiro projeto com atividades que envolvam desde alimentação orgânica até o grande *chef francês*”, revela a diretora da BPR. “E o foco não é a geração de renda, que pode até vir, mas o objetivo é fazer um trabalho em cultura, de busca pelo conhecimento, além de promover um diálogo com o acervo literário” □

SERVIÇO

Site: <http://www.cultura.rj.gov.br/espaco/c4-biblioteca-parque-da-rocinha>
Endereço: Estrada da Gávea, 454, Rocinha
Telefones: 2334-709/2334-7098
E-mail: faleconosco@bibliotecadaro-rocinha.rj.gov.br
Horário de funcionamento: de terça a domingo das 10h às 20h

Fotos: Thais Brito



Atividades na cozinha serão destaque no segundo semestre

BIBLIOTECA PARQUE DE MANGUINHOS

Foto: Vânia Laranjeira



Primeira biblioteca parque do país, a Biblioteca Parque de Manguinhos tem 2,3 mil m²; tem um salão principal, salas para cursos e estudos, espaço multimídia e jardim de leitura, entre outros espaços. Localizada do Complexo de Manguinhos, foi inaugurada em abril de 2010 e seu acervo reúne 27 mil títulos.

SERVIÇO

Site: <http://www.cultura.rj.gov.br/apresentacao-espaco/biblioteca-parque-de-manguinhos>

Endereço: Avenida Dom Helder Câmara, 1184 (atrás do Colégio Estadual Luiz Carlos da Vila)

Telefones: (21) 2334-8915, 2334-8916 e 2334-8917

E-mail: faleconosco@bibliotecademanguinhos.rj.gov.br

Horário de funcionamento: de terça a domingo - das 10h às 20h

BIBLIOTECA PÚBLICA DE NITERÓI

Situada na Praça da República, a Biblioteca Pública de Niterói é a segunda da rede de Bibliotecas Parque e é considerada um dos marcos arquitetônicos da cidade. Depois de ser submetida a obras de restauração, foi reinaugurada em julho de 2011 ganhando novo mobiliário, espaço infantil e salas para abrigar diversas atividades culturais. Em seus 1.812 m², sendo 926m² no térreo e 886m² no 2º andar, abriga um acervo de cerca de 60 mil itens, entre livros, jornais, revistas, enciclopédias, biografias, DVDs, músicas digitalizadas, livros e equipamentos em Braille. Além disso, é sede da Academia Fluminense de Letras.

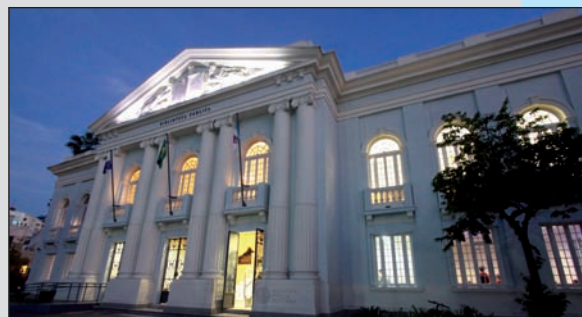


Foto: Caru Ribeiro

SERVIÇO

Site: <http://www.cultura.rj.gov.br/apresentacao-espaco/biblioteca-publica-de-niteroi>
Endereço: Praça da República, s/nº, Centro – Niterói - Telefone: (21) 3601-1956
E-mail: faleconosco@bibliotecaniteroi.rj.gov.br

Horário de funcionamento: de terça a sexta, das 10h às 20h; sábados e domingos, das 11h às 17h

Tem índio no Rio: livro mapeia história das etnias fluminenses

REBECA LETIERI

Índigena é o habitante de tribos nas florestas longínquas, distantes no tempo e no espaço, sem significativa relação com a identidade brasileira? De jeito nenhum, segundo o professor José Ribamar Bessa Freire, da Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO e da Faculdade de Educação da UERJ, onde coordena o Programa de Estudos dos Povos Indígenas. Junto com outros historiadores, Bessa Freire e sua equipe do Programa de Estudos dos Povos Indígenas têm se dedicado a recuperar a história de povos ignorados ou esquecidos pela historiografia fluminense. Um dos mais significativos frutos desse trabalho é o livro *Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro* (UERJ, 1997). O volume, escrito por Bessa com Marcia Fernanda Malheiros, teve segunda edição em 2009.

Mais do que responder a curiosidades sobre as origens indígenas e da cultura popular no Estado do Rio de Janeiro e recuperar o contexto regional em que essas populações viveram e desapareceram, o livro traz indagações sobre o destino das tribos, assinala erros coloniais na identificação dos povos, recupera história e costumes de tupis e puris (as tribos mais importantes da história fluminense) e deságua numa panorâmica da extinção e da espoliação das culturas indígenas do território fluminense.

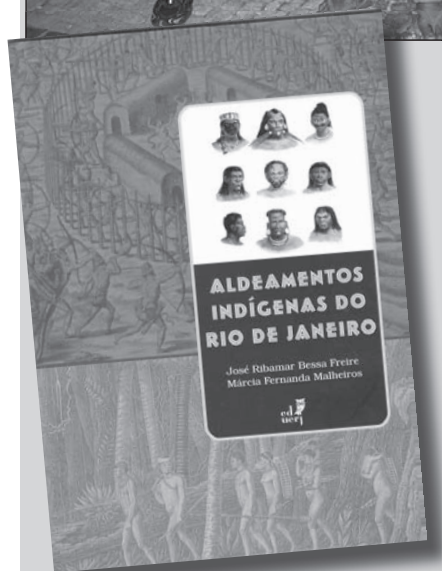
“O brasileiro é produto de diferentes matrizes culturais”, aponta Bessa Freire, “que são as europeias, plurais, mas basicamente portuguesas; as africanas, também no plural; e as da vasta e diversificada cultura indígena. Mas aprendemos na escola e na mídia a nos identificar com a matriz europeia, sem cultivar o orgulho das matrizes africanas e indígenas. Nosso trabalho também visa ao combate do preconceito, da discriminação, além de tentar desfazer equívocos e ajudar a construir uma nova imagem do índio”.

A pesquisa, iniciada em 1992, financiada pelo MEC e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, vasculhou 25 grandes arquivos da capital e dezenas de

Foto: Arquivo pessoal



José Bessa com índios Kamaiurá no lançamento do livro da linguista Lucy Seki, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)



“E aquilo que nesse momento se revelará aos povos / Surpreenderá a todos, não por ser exótico/ Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto/ Quando terá sido o óbvio”
(Um Índio- Caetano Veloso).

pequenos arquivos paroquiais, cartoriais e municipais do Norte Fluminense e do Médio Paraíba, mapeando documentos e manuscritos. Um primeiro guia de fontes, *Os índios em arquivos do Rio de Janeiro*, foi publicado em 1995. Toda essa produção faz parte de um projeto maior, coordenado nacionalmente pelo antropólogo da USP John M. Monteiro, que busca arquivos sobre o tema por todo o do Brasil: *O Guia de fontes para a história indígena e do*

indigenismo em arquivos brasileiros (USP, 1994).

O livro de Bessa e Malheiros se destina a apoiar os ensinamentos fundamental e médio, municiando Secretarias de Educação do Estado e do Município, ajudando a atender às exigências formuladas pelo MEC (a lei 11.645 de 10/3/2008, que torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena em todo o sistema de ensino).

“A imagem que se tem do índio é a que a escola passa. É equivocado congelar essas culturas. A lei é uma resposta à nossa reivindicação – dos índios, de antropólogos, historiadores – de que a questão indígena figure no currículo”, relata Bessa. “E quando a lei veio, já tínhamos feito essa primeira edição, distribuída gratuitamente, e havíamos realizado uma série de oficinas. Ainda falta muito, mas demos um pontapé inicial” □

SERVIÇO

O livro *Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro* pode ser adquirido na Livraria da República - EdUERJ (Rua R. São Francisco Xavier, 524 - Maracanã - Rio de Janeiro/RJ); o PDF com o texto completo está disponível gratuitamente no link <http://www.taquiprati.com.br/arquivos/pdf/Aldeamentos2aedicao.pdf>

JOÃO CAETANO: Marco zero do teatro brasileiro

Em 2013, completam-se 150 anos da morte do ator, empresário e criador da primeira escola de arte dramática do país

As artes do teatro aportaram no Brasil no século XVI como ferramentas de evangelização dos jesuítas. Mas foi somente no século XIX que os palcos nacionais começaram a ganhar um sotaque próprio. Parte considerável do crédito na criação de um teatro brasileiro deve ser dada a um jovem nascido em 1808 na Serra do Lagarto - na então vila de São João de Itaboraí -, no Estado do Rio. João Caetano se tornaria nacionalmente conhecido como ator e empresário e, nos 55 anos em que viveu, estabeleceu os parâmetros do teatro no Brasil, fundando a primeira companhia nacional e a primeira escola de arte dramática. Foi o verdadeiro iniciador do teatro brasileiro como atividade profissional. Em 2013 completam-se 150 anos de sua morte.

A precária cena teatral nos séculos XVIII e XIX era ocupada pelas companhias portuguesas; havia Casas de Ópera e Casas de Comédia, mas o primeiro Teatro, o Real Teatro São João que se tornaria o São Pedro de Alcântara, surgiu por iniciativa de D. João na chegada da Corte ao Brasil em 1808. Mas, nas peças declamatórias, com fortes elementos didáticos e em forma de cantilena, o sotaque lusitano dominava a cena.

Foi João Caetano quem sacudiu o panorama. Aos 19 anos, depois de



Ator João Caetano dos Santos. Litografia de S. A. Sisson, 1856. Esta gravura foi distribuída durante a reinauguração do Imperial Theatro São Pedro de Alcântara, atual Teatro João Caetano, após o incêndio de 1856

uma breve passagem pelo exército, o jovem ator autodidata estreava em sua cidade natal na comédia *O carpinteiro de Livônia*, escrita em 1805 pelo francês Alexandre Duval, num teatro particular da região; quatro anos depois, já estava em cena no Teatro Constitucional Fluminense e em seguida passou a integrar a Companhia do principal teatro do Rio. Inveja e ciúme do reconhecimento que João Caetano recebia do

público - era descrito como belo, elegante, expressivo - parecem ter sido as causas do seu afastamento da companhia e também da derrocada de seu primeiro empreendimento, um grupo com sede no Teatro Valongo, na área portuária da capital.

Nessa época, casou-se com a jovem atriz gaúcha Estela Sezeffreda. Conta-se que a companhia, mergulhada na pobreza, certa vez seguiu a pé do Centro do Rio até Guaratiba, para apresentações. Intuitivo, arrebatado, emocional, João Caetano forjou uma personalidade artística fulgurante. Conta-se que foi ao hospício estudar a risada de loucos, para *A Gargalhada*, peça de Jacques Arago; e que, em *Os Dois Degraus*, quase sufocou Estela em cena, ao representar um amante ciumento.

"O publico, conhecendo que eu desvairava, levantou-se gritando esbaforido (...) é porque eu tinha 24 anos de idade e a dama 22; é porque eu era zeloso, e parece-me que o meu coração a amava muito mais como mulher do que como atriz. O que eu acabo de expender prova ainda que, quando não se imita, mas se iguala a natureza, perde a arte" (Caetano, no livro *Lições Dramáticas*, de 1862, edição de 1937, p.54).

Aquela penúria dos primeiros tempos não duraria muito. Finalmente estabelecido em Niterói, começou a construir uma carreira múltipla, sempre no teatro: grande ator romântico, encenador, empresário e professor, ao criar a primeira escola de arte dramática do país.

Segundo Décio de Almeida Prado (1917-2000), um dos mais importantes teóricos e críticos de teatro no Brasil, “a partir de 1845, à medida em que crescem seus encargos comerciais e suas responsabilidades como empresário, todos os seus grandes êxitos são, de uma forma ou de outra, de natureza popular. A bilheteria falava e João Caetano, vivendo de sua profissão, não podia fechar os ouvidos” (em *João Caetano: o Ator, o Empresário e o Repertório*, 1972, p.88). Viajou por todo o Estado do Rio, e também para o Rio Grande do Sul, Pernambuco (onde foi o responsável pela reabertura do Teatro Santa Isabel) e Bahia. Tinha ideias à frente do seu tempo: montou, por exemplo, uma peça com os pacientes do Instituto dos Surdos-Mudos do Rio, toda em mímica.

Outro crítico e estudioso, Sábato Magaldi, conta em *Panorama do Teatro Brasileiro* que João Caetano estava por trás de “dois acontecimentos fundamentais da história dramaturgica nacional: a estreia, a 13 de março de 1838, de *Antônio José* ou *O Poeta e a Inquisição*, a primeira tragédia escrita por um brasileiro, e única de assunto nacional, de autoria de Gonçalves de Magalhães (1811-1882); e, a 4 de outubro daquele ano, de *O Juiz de Paz na Roça*, em que Martins Pena (1815-1848) abriu o rico filão da comédia de costumes, o gênero mais característico da nossa tradição cênica”.

Em 1847, sua empresa teatral passa a receber auxílio do Governo Imperial e, em 1860, Caetano viajou para Lisboa, onde apresentou-se para o Rei de Portugal, D. Pedro V; em Paris, visitou o Conservatório Real. Na volta, marcado pelo que conheceu, criou a Escola de Arte Dramática – totalmente gratuita para os estudantes – e um júri para

premiar as produções brasileiras, dando assim mais um impulso ao teatro nacional. Segundo Décio de Almeida Prado, suas lições, declinadas nos dois volumes que escreveu, não chegam a constituir um método, mas reúnem admiravelmente exemplos e situações onde salta aos olhos o contexto de uma época de avanços e transições.

MORREU REPRESENTANDO

No dia 24 de agosto de 1863, sentindo-se mal em cena, foi levado para casa e faleceu. Seu nome batiza diversos palcos pelo Brasil afora, inclusive o grande teatro no Centro da cidade do Rio de Janeiro – que tem à frente uma estátua do ator, de

Francisco Manuel Chaves Pinheiro, um dos principais escultores do século XIX, fundida em bronze em 1890 – e o mais importante de Niterói, que passou a se chamar Teatro Municipal João Caetano em 1900 ◻

Para ler a respeito de João Caetano

Décio de Almeida Prado - *João Caetano: o Ator, o Empresário e o Repertório* (Ed. Perspectiva, 1972); *João Caetano e a Arte do Autor* (Ed. Ática, 1984);

J. Galante – *O Teatro no Brasil* (Instituto Nacional do Teatro, 1960)

Sábato Magaldi – *Panorama do Teatro Brasileiro, Vol I* (DAC/Funarte, 1962, reeditado pela Ed. Globo em 1999)

Lafayette Silva – *História do Teatro Brasileiro* (Ministério da Educação e Saúde, 1938)

Wikimedia Commons



João Caetano em cena

Muito além do ensino tradicional

Duas escolas na Tijuca, Rio de Janeiro, oferecem ensino gratuito e de qualidade com especializações em diferentes áreas

São duas instituições de ensino, mas não poderiam ser mais diferentes: o Colégio Estadual José Leite Lopes (páginas 27 e 28), base do projeto Nave, forma alunos para a área tecnológica usando equipamentos de ponta, já o Instituto Tear (páginas 29 e 30) opta pela vivência da natureza e da arte. Mas, em outros aspectos, são também muito parecidas: ambas são gratuitas e oferecem aos alunos um currículo bem mais amplo que o da escola tradicional. O primeiro integra a rede da Secretaria de Estado de Educação e tem apoio do Oi Futuro; o segundo é uma ONG (Organização Não Governamental). O mais importante ponto em comum: são duas escolas que se dedicam à formação de cidadãos com olhar abrangente, reflexão e capacidade crítica, apoiados por uma equipe de professores dedicados.

Foto: Natan Pereira



Fotos: Divulgação TEAR



Foto: Vitor Correa



NAVE: Os alunos aproveitam o intervalo usando computadores e jogos

TEAR: Estudantes em atividade no quintal do instituto



Escola que une tecnologia e educação com qualidade

Colégio estadual tem ensino profissionalizante para a área técnica e está entre as mais inovadoras do mundo

NATAN PEREIRA

A fachada do Colégio Estadual José Leite Lopes não dá pistas do que acontece lá dentro. A intuição, na Rua Uruguai, 204, Tijuca, ocupa uma antiga central telefônica da Oi e parece uma escola como tantas outras. Mas, já na entrada, o visitante desavisado percebe que ali se pratica um ensino diferente e de vanguarda. Criada em 2008, a escola integra o Núcleo Avançado de Educação (Nave), fruto de uma parceria da Secretaria de Estado de Educação (Seeduc) com o Instituto Oi Futuro. A unidade conta com equipamentos modernos, oferece ensino médio profissionalizante de

excelência em tecnologia de multimídia e tem como proposta pedagógica integrar as disciplinas comuns às da parte técnica, e com isso contextualizar todo o conhecimento. O ensino é inteiramente gratuito, as vagas são oferecidas em processo seletivo e o turno é integral - das 7h às 17h. São 450 alunos e 64 profissionais.

Desde 2009, a escola figura entre as 30 mais inovadoras do mundo, segundo a gigante de tecnologia Microsoft, e foi indicada, dentro desse universo, como Escola Mentora, integrando uma rede de troca de informações entre as instituições. Desde o início deste ano, faz parte da rede *Microsoft Schools World Tour*. “A premiação da Microsoft é o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido na unidade”, diz a coordenadora do programa Dupla Escola, da Secretaria de Educação do Rio, Maria Aparecida Jacomeli. O objetivo da rede, além do intercâmbio de conhecimentos e práticas, é integrar a escola com outras instituições mundo afora.



Ana Paula Bessa dirige o colégio

NARRATIVAS, MULTIMÍDIA E PROGRAMAÇÃO

O Núcleo, que também reúne a Escola Técnica Estadual Cícero Dias, de Recife, oferece três cursos profissionalizantes: narrativas para mídias digitais, multimídia e programação de jogos. A diretora da unidade, Ana Paula Bessa, explica que os cursos foram pensados para formar uma cadeia produtiva: “narrativas para mídias digitais escrevem a história. Multimídia transforma essas histórias em imagens e a programação coloca essas imagens em movimento”. Detalhe: os estudantes escolhem seus cursos apenas no segundo ano; o primeiro ano é um ciclo básico comum a todos. São



Espaço de convivência da escola

três os alicerces do projeto: “a escola, e centros de pesquisa e de disseminação”, enumera a diretora.

O parceiro da Seeduc é o instituto Oi Futuro. A diretora de educação do instituto, Paola Scampini, conta que o Nave foi estruturado para pensar e desenvolver metodologias replicáveis, a partir do ensino médio, que sejam capazes de responder à seguinte questão: “como a escola pode falar a linguagem do seu tempo e formar cidadãos e profissionais do futuro?” E mais: o projeto busca a formação do jovem em vários níveis. “O Nave quer formar um jovem autônomo, capaz de tomar suas próprias decisões; solidário, equipado com conceitos de cidadania e responsabilidade social; e competente, com habilidades para ser inserido no mercado de trabalho”, diz ainda. Os resultados têm sido mais do que satisfatórios: “no último ENEM, por exemplo, o colégio foi o primeiro colocado no ranking das escolas da rede estadual do Rio de Janeiro”.

ESTRUTURA QUE IMPRESSIONA

A atuação dos professores e a estrutura da unidade pairam, definitivamente, acima da média. Nas salas de aula, estão disponíveis lousas eletrônicas, aparelhos de som, TV e DVD, além de mobiliário desenvolvido especialmente para a unidade. Os estudantes também contam com um estúdio de áudio, de *chroma key*, biblioteca e laboratórios de informática. No espaço de convivência, há computadores, videogames e jogos de tabuleiro à disposição. Quatro refeições diárias são providenciadas pela escola.

Os professores integram as disciplinas a diversas atividades, usando os recursos técnicos para criar aulas motivadoras. Com carga horária maior que a habitual, os professores fazem pequenas reuni-



Fotos: Vanor Correa

As aulas promovem a integração de disciplinas

ões diárias e um grande encontro semanal.

A unidade recebe alunos de diversos bairros do Rio de Janeiro e até de outros estados. Estudante de Roteiros para mídias digitais, Kaíque Sapienza, morador de Padre Miguel, descreve a sua rotina e conta o que o levou a escolher o curso. “Saio de casa às 4h40 e chego às 19h, mas é compensador. Fiz o ensino fundamental em uma escola municipal, participei do processo seletivo sem imaginar que o colégio era tão maravilhoso. O ensino regular é bem puxado e adoro o técnico”, conta o jovem de 18 anos que pretende cursar artes cênicas.

O colégio é um dos mais procurados do Estado. Em 2012, os 3.360 candidatos às 160 vagas realizaram provas de português, matemática e redação. O esforço para ingressar na instituição compensa: de acordo com Ana Paula Bessa, 55% dos alunos de 2012 foram aprovados no vestibular e 32% já estão trabalhando na área de TI. A razão? Ideias somadas à dedicação. “Inovar é ter ação; uma escola criativa coloca ideias em prática, cria alternativas para que essas ideias se espalhem. Se uma atividade só pode ser realizada com determinado equipamento, não é inovadora para uma escola que não tenha a nossa estrutura. Queremos que as inovações possam se disseminar”.

Cristal Dias, moradora de Santa Teresa, é aluna do curso de Roteiros para multimídia, e ressalta o diferencial do colégio: “o que me interessa é a possibilidade de aprender muito mais. E a integração entre as disciplinas é fator muito positivo”.

Nesta mesma área, a Secretaria de Educação anuncia novidades para 2014. Por meio de uma parceria com a Embratel e com a Fundação Xuxa Meneghel, está organizando e definindo todo o planejamento para a implantação de uma outra unidade que oferecerá Ensino Médio Integrado à Educação Profissional Técnica de Nível Médio com habilitação em Telecomunicações □

OS CURSOS

Narrativa para Mídias Digitais – produção de roteiros e desenvolvimento de projetos de produção em diversas mídias digitais.

Multimídia – desenvolvimento de aplicativos multimídia em diferentes plataformas digitais.

Programação de jogos – formação de programadores de jogos digitais, nas áreas de desenvolvimento de jogos e subprodutos relacionados.

SERVIÇO

Colégio Estadual José Leite Lopes/NAVE
Rua Uruguai, 204, Tijuca
<http://www.oifuturo.org.br/educacao/nave/>



Instituto de Arte TEAR: arte e respeito à natureza

Escola tem ensino gratuito com ênfase nas atividades artísticas e na formação de consciência ambiental

RAFAEL RIBEIRO

A casa de estilo eclético e jeito de chácara onde funciona o Projeto TEAR também fica na Tijuca, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, a menos de 2 km do colégio estadual José Leite Lopes. Assim como a escola estadual, proporciona um ensino que avança além das linhas clássicas, oferecendo aos alunos

vivências e experiências em campos novos. Mas o TEAR, que é Ponto de Cultura reconhecido pelo Estado do Rio de Janeiro e pelo MinC/Governo Federal, enfatiza a arte e a preservação socioambiental. Saem os bytes, entram a filosofia e a ecologia.

A escola, que nasceu em 1980 já oferecendo uma grade curricular que incluía tanto arte e ecologia quanto ação comunitária, foi migrando para a atuação firmemente social. Em 2000, passou a ser uma Organização Não Governamental. Desde então, atende gratuitamente a centenas de crianças e adolescentes, a maioria moradora do próprio bairro da Tijuca e dos arredores.



Claudio Barria Mancilla, coordenador artístico e pedagógico do projeto Ciranda Brasileira

O Instituto, seguindo a metodologia batizada como Artes Integradas - soma de Educação, Arte e Cultura, estimulando a fruição e produção artísticas -, oferece cursos de formação a crianças e jovens de 5 a 21 anos e promove seminários, eventos culturais, espetáculos, debates, criação e exibição de filmes. Em todas as suas atividades o TEAR



Estudantes em atividade no quintal da casa

ressalta a ligação do ser humano com o meio ambiente.

CORPO E NATUREZA

Claudio Barria Mancilla, coordenador artístico e pedagógico do projeto Ciranda Brasileira, reforça que a base da escola está na educação ambiental: “Nosso foco está no relacionamento do corpo com o meio ambiente; os alunos pesquisam essa relação corpo-natureza e a traduzem em criação, espetáculo, apresentação, como forma de representação da vida”, relata. “Nós somos uma escola de artes com uma metodologia diferenciada, que busca articular arte e ciência como conhecimentos complementares, sempre na perspectiva da educação ambiental. As crianças aprendem enquanto produzem”, completa.

Entre os cursos disponíveis no programa Ciranda Brasileira estão os de Artes Integradas, com oficinas e atividades para crianças de 5 a 13 anos. Aos jovens de 14 a 21 anos são oferecidas aulas de teatro,



O dançarino Carlinhos de Jesus em visita à Instituição em 2009

circo, dança, música, artes visuais e audiovisuais. Além disso, a agenda de eventos do TEAR é extensa: o programa Tribo Arte faz encontros quinzenais para discutir questões cotidianas, levadas pelos alunos, que se transformam em produtos artísticos diversos. Outra atividade é o Cine Tribo, também duas vezes ao mês: depois de assistir a um filme, jovens e educadores debatem questões filosóficas, éticas ou sociopolíticas. O TEAR proporciona também aos alunos visitas a pontos culturais da cidade, como o Sítio Burtle Marx, museus, Jardim Botânico e salões de livros.

Mancilla conta ainda que os alunos realizam atividades fora da sede: “Nós os levamos às ruas para trabalhar o olhar sobre a cidade e registrar o que veem. E muitas dessas saídas são transformadas em filmes ou documentários, como *Caxambu*, sobre a importância cultural do jongo na comunidade do Salgueiro,

premiado em vários festivais”. Recentemente, foi produzida *Uma Chance*, ficção filmada também no Salgueiro.

Na sede, não poderia faltar um espaço ao ar livre, que inclui um luxuriante quintal repleto de árvores, uma horta e objetos recicláveis construídos e cuidados pelos próprios alunos. Os estudantes também têm acesso permanente a uma biblioteca com grande acervo de literatura brasileira e estrangeira e obras sobre teatro e dança, filosofia e religião, arte, história, saúde, sexualidade, juventude, política e cidadania. A biblioteca localiza-se propositalmente no meio da casa, para estar permanentemente no caminho dos alunos □

Fotos: Divulgação TEAR



Encenação com atores e bonecos

SERVIÇO

Endereço: Rua Pereira Nunes, 138
- Tijuca - Rio de Janeiro
Tel: (21) 2238-3690 / 2238-4927
Site: www.institutotear.org.br
E-mail: tear@institutotear.org.br
Patrocinadores e apoiadores do instituto:

- Ministério da Cultura
- Secretaria Estadual de Cultura
- FIES (Fundo Itaú Excelência Social)
- Secretaria Municipal de Cultura, através da Lei do Incentivo à Cultura (ISS)

TV Novo Degase: no ar, o recomeço de jovens através da produção audiovisual

Primeira TV socioeducativa do Brasil tem como objetivo dar conhecimento e treinamento no setor para adolescentes

NATAN PEREIRA

Produzir pautas, gravar entrevistas e cabeças, editar e colocar o material na internet. Essa é a rotina das equipes da TV Novo Degase, website que transmite o material produzido em uma oficina oferecida a jovens com idades entre 12 e 21 anos, do Centro de Socioeducação Professor Antonio Carlos Gomes da Costa, da Escola João Luis Alves (EJLA) e do Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente (Criaad) da Ilha do Governador. Os produtores, repórteres e editores são adolescentes em conflito com a lei, e toda semana um novo programa é colocado no ar. Cultura, lazer e educação estão entre os temas mais abordados no programa do Departamento Geral de Ações Socioeducativas, órgão vinculado à Secretaria de Estado de Educação.

A oficina tem duração de três meses, com aulas duas vezes por semana. Com sete profissionais e turma de 15 a 20 alunos, os adolescentes veem na TV Novo Degase uma oportunidade de uma futura inserção no mercado de trabalho. O projeto conta com câmeras, computadores e um estúdio para a realização dos programas.

O coordenador da Cecel (Coordenação de Educação, Cultura, Esporte e Lazer), George Fox, explica o objetivo do projeto. “A TV Novo

Degase possibilita aos alunos um complemento à Educação Básica, ou seja, o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e o aumento das chances de empregabilidade”. George afirma também que a TV é uma oportunidade educativa, onde a equipe trabalha com os jovens a “ressignificação de suas vidas”.

Contratado como monitor, o ex-interno Mauricio dos Santos, de 19 anos, conta que agora pode transmitir o que aprendeu para os novos alunos. “Trabalhar com os adolescentes não é difícil. Tento acompanhar e compreender o comportamento deles”, conta Maurício que, mesmo não pretendendo seguir

na carreira de cinegrafista profissional – ele quer ser militar –, vê o trabalho como “gratificante”. “A TV Novo Degase é um passo para a nova vida desses adolescentes”.

Em parceria com a ONG Pró-Menor, a TV Novo Degase apresenta aos adolescentes a prática das atividades atrás das câmeras e desvenda a terminologia da área. Os integrantes do projeto se veem como uma nova família.

“Estou com essa turma há três semanas e a experiência é incrível”, conta o professor Bruno Geovan do Nascimento. “Detidos por diversos motivos, os adolescentes têm características pessoais e histórias

muito diferentes. Mas as dificuldades que enfrentam me fazem crescer como ser humano”, afirma. “Eles se interessam pelo conteúdo e fico orgulhoso ao ver que estamos contribuindo para criar um futuro diferente para a turma. Por ser um curso de pequena duração, investimos numa identificação genérica com a área audiovisual – se serão cinegrafistas, fotógrafos ou produtores, não importa. Apenas torço para que exerçam a profissão no futuro”.

No final da oficina, os alunos recebem um diploma. A TV Novo Degase já foi premiada com a medalha Pedro Ernesto, concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, e com a medalha Tiradentes, concedida pela Alerj. □



Foto: Natan Pereira

Jovem participante do projeto TV Novo Degase

SERVIÇO

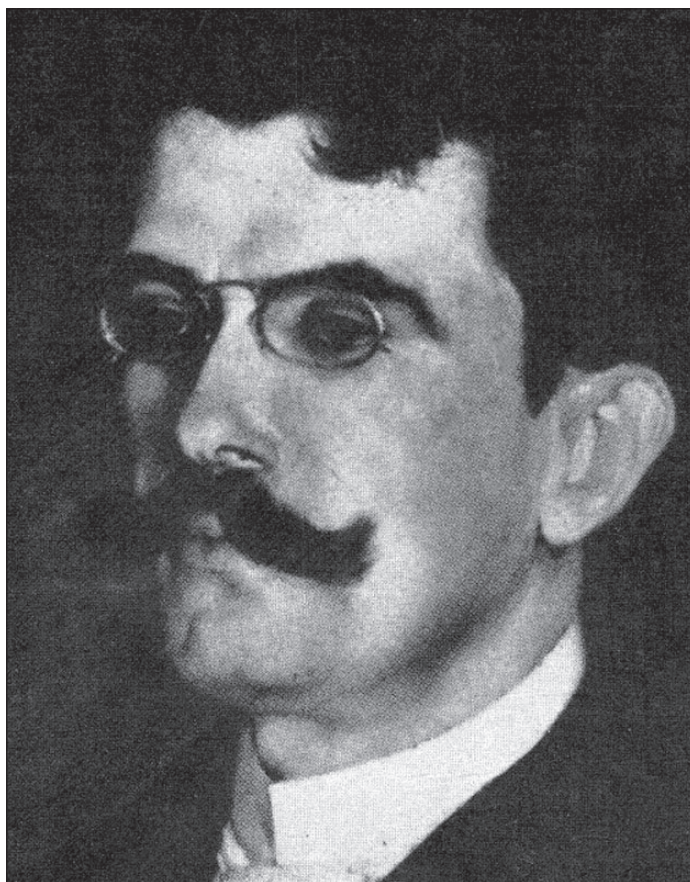
TV Novo Degase - Estrada das Canárias, 569, Ilha do Governador
Site: www.tvnovodegase.com.br

Uma vida de múltiplos talentos

Há 150 anos, nascia em Angra dos Reis o escritor Raul Pompéia, que também se destacou como jornalista e desenhista. Ele ilustrou, inclusive, sua obra-prima O Ateneu

THAÍS BRITO

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta”. É com esta frase que o escritor Raul Pompéia inicia o livro *O Ateneu*, clássico da literatura brasileira, obra que escreveu com apenas 24 anos e que foi alçada ao posto de cânone literário. Mas sua vida, embora marcada pela tragédia e pela brevidade, vai muito além desse clássico. Ele foi jornalista, contista, cronista, novelista, romancista, desenhista e patrono da cadeira número 33 da Academia Brasileira de Letras. Nascido há 150 anos, Pompéia tem até hoje sua genialidade celebrada.



ORIGEM

Raul Pompéia nasceu no dia 12 de abril de 1863, em Angra dos Reis, na Costa Verde fluminense, filho do advogado Antônio de Ávila Pompéia e de Rosa Teixeira Pompéia. Ainda criança foi estudar no Colégio Abílio, no Rio de Janeiro, no regime de internato. A instituição era comandada pelo educador Abílio César Borges, o barão de Macaúbas. Pompéia chamou a atenção por sua dedicação aos estudos e à leitura e por ter bom traço para desenho e ca-

ricatura: escrevia e ilustrada o jornal da escola, *O Archote*. Na mudança para o Colégio Pedro II em 1879, demonstrou talentos de oratória e começou a escrever, publicando o livro *Uma tragédia no Amazonas*.

No ano seguinte à sua estreia no mundo das letras, iniciou o curso de Direito em São Paulo. Lá, engajou-se nas campanhas abolicionista e republicana. Colaborou em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro usando, muitas vezes, pseudônimos – *Rapp* era um deles.

No *Jornal do Commercio*, escreveu os poemas em prosa *Canções sem metro*, e, na *Gazeta de Notícias*, publicou a novela *As jóias da Coroa* em forma de folhetim, onde dizia revelar segredos de alcova de D. Pedro II. Ambos saíram postumamente. Foi reprovado no terceiro ano do curso de Direito e seguiu para o Recife, onde concluiu a faculdade – embora nunca tenha exercido a profissão.

O ATENEU

No retorno ao Rio de Janeiro em 1885, voltou suas energias para o jornalismo. Foi nesse período que deu à luz a sua obra mais conhecida, *O Ateneu*, também publicada, a princípio, como folhetim na *Gazeta de Notícias*, para

ser lançado como livro em 8 de abril de 1888.

O romance de cunho autobiográfico narrado em primeira pessoa é considerado um divisor de água em sua carreira de escritor. Com o subtítulo *Crônica de Saudades*, é o relato do protagonista *Sérgio*, um menino internado no Colégio Ateneu e que, já adulto, narra as experiências vividas nos dois anos em que estudou no local. No romance, Pompéia apresenta o colégio como espelho e microcosmo da sociedade,



fazendo assim uma forte crítica às instituições de ensino voltadas para a elite no século XIX, durante o Segundo Império.

FIM TRÁGICO

Após a abolição da escravatura, causa à qual se dedicara, passou a lutar na campanha republicana. Em 1889, trabalhou no jornal A Rua, de Pardal Mallet, no Jornal do Commercio e, com a Proclamação da República, foi nomeado professor de mitologia da Escola de Belas Artes, diretor do Diário Oficial e, a seguir, ocupou o cargo de diretor da Biblioteca Nacional. Favorável

ao militarismo de Floriano Peixoto, voltou-se contra intelectuais de seu grupo como o próprio Mallet e Olavo Bilac. Depois do falecimento do “Marechal de Ferro” em 1895, foi demitido da Biblioteca Nacional por causa das acusações e ataques às autoridades que sucederam Peixoto, em violento discurso pronunciado no enterro do presidente.

Não era a primeira polêmica de alto coturno em sua vida. O questionador Pompéia se envolveu em diversas discussões, chegando, inclusive, a desafiar o poeta Olavo Bilac para um duelo. Mas os desdobramentos do discurso no enterro

de Floriano Peixoto seriam graves e, literalmente, fatais: o jornalista e poeta Luís Murat assinaria o artigo *Um louco no cemitério*, virulento e acusatório. O escritor pediu direito de reposta, mas não foi atendido. Deprimido, acabou se suicidando na noite de Natal de 1895 □

BIBLIOGRAFIA

Uma tragédia no Amazonas (1880) / *As jóias da Coroa* (1882) / *Canções sem metro* (1883) / *O Ateneu* (1888) / E sua obra completa foi reunida por Afrânio Coutinho (*Obras*, 10 volumes, 1981-1984).

Trecho de *O Ateneu*

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.”

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exotica-mente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas

Acervo Fundação Biblioteca Nacional



Um dos desenhos feitos por Raul Pompéia para ilustrar as páginas da obra *O Ateneu*

as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo - a paisagem é a mesma de cada lado, beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.”

(...)

“Duas vezes fora visitar o Ateneu antes da minha instalação.

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa, o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais; sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios.”

Casa de Cultura Heloísa Torres é referência cultural em Itaboraí

SAMANTHA PAIXÃO

O elegante sobrado do século XVIII, na antiga Vila de São João de Itaboraí, foi residência senhorial até meados do século XIX – e, depois, foi escola, colchoaria, oficina de sapateiros e até agência funerária, a maior da região. Comprado em 1963 pelas irmãs Heloísa e Maria Luisa, filhas do sociólogo Alberto Torres, recebeu a vasta biblioteca, arquivos particulares e a mobília oitocentista da família. Além de guardar o acervo do pai, as irmãs focaram na preservação da memória de Itaboraí. Visando manter o imóvel como centro de memória do seu pai e da cidade, deixaram a casa para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Atualmente administrada pela Secretaria de Cultura de Itaboraí, a Casa de Cultura Heloísa Torres é o principal centro cultural da cidade, mantendo exposições constantes com visitas guiadas, saraus – inclusive nos jardins –, palestras e o curso periódico “Colóquio Itaboraí Cultura e Memória”. Segundo Cláudio Rogério Dutra, diretor da Casa, a comunidade entende o papel da instituição – “e o visitante se deslumbra com o raro acervo de documentos, o mobiliário e a iconografia”.

EXPOSIÇÃO SANTO ANTÔNIO DE SÁ

Até 17/9, está em cartaz a mostra que apresenta ao público relíquias e artefatos de 49 sítios arqueológicos de Itaboraí, encontrados no terreno do atual Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro (Comperj). Cachimbos africanos, tembetás – joias indígenas do século XVI – e peças de cerâmica europeia fazem parte da exposição que mostra como viviam os primeiros habitantes do Recôncavo da Guanabara. É uma parceria com Museu Nacional □

SERVIÇO

Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres
Praça Marechal Floriano Peixoto, 370
- Centro de Itaboraí – (21) 3639-2035
<http://www.visiteitaborai.com.br/insthistcult/1232>

Funciona de segunda a quinta-feira, das 9h às 17h; sexta-feira, das 9h às 22h; sábado, das 18h às 21h. Entrada gratuita.

Foto: Sandro Giron



O belo casarão do século XVIII foi residência das irmãs Torres

Pioneirismo na Antropologia brasileira



Foto: Samantha Paixão

Busto em homenagem à antropóloga

Dona Heloísa, filha do sociólogo itaboraiense Alberto Torres, nasceu em 1895 na cidade do Rio de Janeiro, e conviveu desde cedo com políticos e intelectuais brasileiros como Quintino Bocaiúva, Rodrigo Alves, Afonsa Pena, Rui Barbosa e Marechal Rondon. Ela foi uma das pioneiras na Antropologia brasileira, realizando estudos sobre a cerâmica de Marajó-PA e da arte indígena da Amazônia, sendo reconhecida

internacionalmente pelo seu trabalho nesta área e na Arqueologia e Etnografia. Foi a primeira mulher a dirigir o Museu Nacional, cargo que ocupou por 20 anos, e defensora dos direitos da mulher, participando ativamente da mobilização nacional pelo voto feminino em 1932. Dona Heloísa também foi conselheira do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, colaborou com o Conselho Nacional de Proteção aos Índios e participou da criação da Fundação Nacional do Índio (Funai).

D. HELOÍSA POR CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“Uma antropóloga não costuma ser notícia social, por maiores que sejam os seus méritos, e Heloísa os tinha em medida alta. Amava mais os índios e seus vasos, urupemas e ritos, do que o fugido destaque nos salões. Os meios científicos estrangeiros a reverenciavam, enquanto muita gente por aqui veria nela, quando muito, a zelosa diretora do Museu Nacional, tratando de interesses da instituição nos labirintos burocráticos. Mas isso foi há muito tempo, tempo de Capanema no MEC. A funcionária aposentou-se e foi viver no seu cantinho arborizado de Itaboraí.” (JORNAL DO BRASIL, 3/3/ 1977)

VOCÊ VAI PRECISAR TER O SEU CERTIFICADO DIGITAL, ENTÃO, QUE SEJA UM OFICIAL.

O CERTIFICADO DIGITAL DA IMPRENSA OFICIAL, ENTRE OUTRAS VANTAGENS, OFERECE:

- Economia de até 15% para as microempresas, empresas de pequeno porte e os microempreendedores individuais.
- Certificado emitido na hora, testado e pronto para uso.
- Padrão ICP-Brasil. A única assinatura digital com validade jurídica.
- Segurança em transações eletrônicas.

IMPORTANTE: A PARTIR DE AGORA
O CERTIFICADO DIGITAL É OBRIGATÓRIO
PARA REALIZAR SERVIÇOS OFERECIDOS
PELO GOVERNO.

Faça já o seu agendamento aqui:

www.io.rj.gov.br

Ou ligue **0800-2844675**, das 9h às 18h.

ADQUIRA O SEU CERTIFICADO DIGITAL EM QUALQUER UM DOS SEIS ENDEREÇOS DISPONÍVEIS:

NITERÓI: Rua Professor Heitor Carrilho, 81 - Centro, Niterói/RJ

NITERÓI: Av. Visconde do Rio Branco, 360 - 3º piso, loja 321 (Shopping Bay Market) - Centro, Niterói/RJ

RIO DE JANEIRO: Rua São José, 35 - Salas 222/224 (Ed. Garagem Menezes Cortes) - Centro, Rio de Janeiro/RJ

SÃO GONÇALO: Av. São Gonçalo, 100, 3º Piso (São Gonçalo Shopping, Rio Poupa Tempo) - Boa Vista, São Gonçalo/RJ

SÃO JOÃO DE MERITI: Rodovia Presidente Dutra, 4.200 (Rio Poupa Tempo) - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti/RJ

BANGU: Rua Fonseca, 240 - 2º andar (Bangu Shopping, Rio Poupa Tempo) - Bangu, Rio de Janeiro/RJ

29 DE AGOSTO
A 8 DE SETEMBRO
RIOCENTRO



BIENAL DO LIVRO RIO

VENHA VIVER MUITAS HISTÓRIAS

| **Café Literário** | **Mulher e Ponto** | **Placar Literário** | **Planeta Ziraldo** |
| **Acampamento na Bienal** | **Encontro com autores** |

A programação do evento você encontra no site
bienaldolivro.com.br    /bienaldolivro

Visite o Estande
LETRAS DE NITERÓI
Pavilhão Verde, rua R-11